



PAOLA FERREIRA ALVES

**REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DO ENSINO NÃO
PRESENCIAL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**LAVRAS – MG
2023**

PAOLA FERREIRA ALVES

**REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DO ENSINO NÃO PRESENCIAL NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências
do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de
Licenciada.

Profa. Dra. Giovanna Rodrigues Cabral
Orientadora

**LAVRAS - MG
2023**

PAOLA FERREIRA ALVES

**REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DO ENSINO NÃO PRESENCIAL NO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**REFLECTIONS ON THE IMPACTS OF NON-PRESENTIAL EDUCATION ON
THE LITERACY PROCESS OF CHILDRENS IN THE 3RD YEAR OF
ELEMENTARY SCHOOL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências
do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de
Licenciada.

APROVADA em 17 de fevereiro de 2023.

Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart - UFLA

Profa. Ms. Ludmila Magalhães Naves - UFLA

Profa. Dra. Giovanna Rodrigues Cabral
Orientadora

**LAVRAS - MG
2023**

*Dedico este trabalho aos meus pais, Ligia e Carlos,
pelo apoio, amor, cuidado, dedicação
e tudo que fizeram para que eu chegasse até aqui.
Vocês são a minha base!*

AGRADECIMENTOS

À Deus, por sempre me dar forças e esperança para alcançar os meus objetivos.

À Universidade Federal de Lavras, por todos esses anos, por todas as oportunidades e cada história vivida.

Ao Departamento de Educação, por toda a estrutura do Curso de Pedagogia e todo o cuidado com seus alunos.

Às professoras e professores do Departamento de Educação, por toda dedicação, compromisso, acolhimento, ensinamentos e inspiração. Vocês são os melhores e tornaram o caminho mais prazeroso!

À minha orientadora, professora Giovanna, que foi uma das minhas inspirações desde o primeiro período do Curso de Pedagogia.

Às minhas amigas, Tamires, Lyandra e Vitória, que foram essenciais na minha trajetória e compartilharam cada dificuldade e conquista. Vocês tornaram o caminho mais leve.

Aos meus pais, Lúcia e Carlos, que sempre lutaram para me proporcionar o melhor e sempre torceram pelo meu sucesso. Vocês são a minha base!

Ao meu namorado Renato, que foi o primeiro a me apoiar na escolha de cursar Pedagogia e nunca me deixou desistir. Você é meu porto seguro!

À minha amiga Ana Luiza, que me ouve, aconselha, compartilha, me segura e me levanta todas as vezes. Você é a minha pessoa!

Aos meus familiares e amigos, pelas palavras de conforto, apoio e por sempre vibrarem por cada passo e conquista minha.

Às professoras Alessandra e Keli, por toda a parceria, apoio, dedicação e inspiração. Vocês foram essenciais na minha trajetória!

Mais do que terminar o que começamos, precisamos estar dispostas a recomeçar e enfrentar com coragem os desafios seguintes. Me tornei uma outra pessoa a partir desta trajetória, com um novo olhar para as pessoas e principalmente pela educação, e isso torna tudo ainda mais especial.

MUITO OBRIGADA!

“A alfabetização é mais, muito mais, do que ler e escrever.

É a habilidade de ler o mundo.”

(Paulo Freire)

RESUMO

A partir da importância da alfabetização e letramento para a escolarização de crianças e jovens no nosso país, esta pesquisa desenvolvida no âmbito do trabalho de conclusão de curso tem como objetivo refletir sobre os impactos causados pelo ensino não presencial a partir do acompanhamento realizado na alfabetização de estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, no segundo semestre de 2022. Esta investigação partiu dos estudos e das observações realizadas durante os Estágios curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia, nas áreas de Alfabetização e Letramento e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e envolveu a realização de uma revisão de literatura sobre os temas da alfabetização e do letramento, a realização de entrevistas durante uma disciplina do curso de Pedagogia, com três professoras alfabetizadoras de instituições das redes pública e privada da mesma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, realizadas no primeiro semestre de 2022, e o relato de experiência de estágio supervisionado e acompanhamento das atividades realizadas em uma turma de 3º ano de uma escola pública ao longo do segundo semestre do ano de 2022. Para alicerçar os estudos e análises foram usados autores que abordam sobre o processo de apropriação do sistema de escrita e sobre a alfabetização e o letramento, como Soares (2009), Albuquerque (2007), Santos (2014), Fraga (2021), entre outros. Conclui-se, a partir da coleta dos dados, reflexões acerca das percepções de professoras alfabetizadoras de escolas públicas e privadas, e do acompanhamento dos estudantes através dos estágios supervisionados, onde percebe-se que a pandemia trouxe grandes desafios para o contexto educacional e que é preciso monitorar os processos de alfabetização das crianças para a implantação de ações efetivas nas escolas, de modo a reverter o quadro de defasagem da aprendizagem de leitura e escrita de crianças do 3º ano, que vivenciaram os dois primeiros anos da alfabetização de maneira remota.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Impactos na alfabetização. Pandemia e alfabetização.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	13
3 TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO COM A PANDEMIA DA COVID-19.....	19
4 PERCURSO METODOLÓGICO.....	23
5 DADOS E DISCUSSÃO.....	25
1º MOMENTO: CONVERSA COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS.....	25
2º MOMENTO – APROXIMAÇÕES E VIVÊNCIAS EM UMA TURMA DE 3º ANO.....	30
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
REFERÊNCIAS.....	60
APÊNDICES E ANEXOS.....	61

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização é considerada a adesão do saber entender as letras, “codificar” e “decodificar” um texto, e o escrever compreendido no processo de aprendizagem escolar. Já o processo de letramento é considerado cultural, pois ocorre antes mesmo do contato do indivíduo com o ambiente escolar, ou seja, de uma maneira bem sucinta. No letramento, o que ocorre é que, ao ler um texto, o indivíduo consegue compreender e interagir com ele, sendo capaz de ter um senso crítico, levando isso para seu cotidiano e atribuindo significado social.

A escolha pelo tema envolve considerar a importância da alfabetização e do letramento para a escolarização de crianças e jovens no país. Tratar dos problemas que a pandemia vem causando como um fator de prejuízo na educação brasileira, torna-se importante para se entender as defasagens de aprendizagem sinalizadas pelos indicadores de fluxo e desempenho escolar. Segundo Fraga (2021), o analfabetismo no Brasil apresentou queda nos últimos anos, mas ainda não foi extinto. Ainda, segundo a autora, em 2016 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE mostrou que 7,2% da população brasileira eram analfabetas, e em 2019, 6,6% das pessoas com 15 anos ou mais não sabiam ler e nem escrever um simples bilhete. Considera-se aqui também os analfabetos funcionais do nosso país que são aqueles que escrevem e fazem a decodificação, mas não compreendem o que leem. Em 2018 o Índice Nacional de Analfabetismo Funcional – INAF mostrou que essas pessoas somavam 30% da população.

Os dados revelam que apesar das ações do MEC (Ministério da Educação) em parceria com os estados, municípios e Distrito Federal, nas últimas décadas, a fim de se elevar a qualidade da educação no Brasil, ainda há de se entender e sanar as múltiplas barreiras que impedem a alfabetização total no país. (FRAGA, 2021, p. 325).

Compreende-se a necessidade de se refletir sobre a qualidade da educação face às medidas tomadas para minimizar as diferenças de escolaridade vigentes na sociedade brasileira, historicamente, desigual e excludente.

Como questões norteadoras da pesquisa, tem-se: quais os impactos que os dois anos de ensino remoto causaram na apropriação da leitura e da escrita de crianças em fase de alfabetização? Quais foram os avanços e retrocessos referentes a essa fase? Como as

escolas e, principalmente, os professores lidaram com essa situação? O que as crianças conseguiram aprender do sistema de escrita alfabético de forma não presencial? Qual foi o papel da família neste processo? Essas são questões que contribuem para se refletir sobre o que tem sido trabalhado para reverter a não aprendizagem de crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental e as lacunas existentes na alfabetização, devido ao ensino não presencial imposto pela pandemia.

Desde 2020 foi adotado o Ensino Remoto Emergencial – ERE para a educação brasileira, que até o final de 2021, se tornou o novo “normal” para conseguirmos dar continuidade aos estudos. Mas com as crianças isso não é tão fácil assim, por diversos motivos, desde o contato que elas precisam com o ambiente escolar, com a professora e com os colegas para o desenvolvimento e aprendizado, até por falta de recursos das famílias para as crianças poderem acompanhar às aulas remotas, falta de tempo das mesmas para estar com as crianças online durante o período de aula e “falta do saber” necessário das famílias para poder auxiliar na demanda escolar, já que as crianças estiveram longe das professoras. Sabe-se que a alfabetização é a etapa da educação mais afetada pela pandemia.

Trata-se de uma temática de grande relevância, pois a etapa da alfabetização é determinante para a continuidade da trajetória escolar dos estudantes. Assim, é importante uma clareza sobre como planejar, de que forma, quais os prazos e o que precisa ser trabalhado para que seja vencida essa etapa escolar e para que a criança se alfabetize de forma concomitante ao desenvolvimento de suas práticas sociais de leitura e de escrita, que tanto vem sendo afetada pelo tempo de pandemia.

Para alcance dos objetivos a proposta foi acompanhar uma turma de 3º ano de uma escola pública, para verificar os impactos que os anos de ensino não presencial causaram nos processos de apropriação da leitura e da escrita destas crianças. A turma escolhida foi a mesma na qual foi realizado o estágio supervisionado voltado para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2022. O estágio “se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA e LIMA, 2005/2006, p. 6), e é uma oportunidade que o aluno possui para vivenciar a prática dos conteúdos teóricos trabalhados nas disciplinas ao longo do curso, que também deu a oportunidade para a pesquisa deste trabalho.

O objetivo geral desse estudo é refletir sobre os impactos causados pelo ensino não presencial realizado durante a pandemia da COVID-19 na alfabetização de estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, turma essa que foi relatada e analisada as atividades no segundo momento dos dados e discussão deste trabalho. São estudantes que se encontram no 3º ano da fase de alfabetização, cursaram a Educação Infantil de forma presencial, mas foram impactados pelo ensino não presencial durante os dois primeiros anos do Ensino Fundamental, devido ao distanciamento social imposto pela COVID-19. Essa turma foi a base para o relato pessoal de estágio, descrito no segundo momento dos dados e discussão, com análises de imagens de avaliações dessa mesma sala de aula, dentre algumas atividades; e as entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras, foram realizadas durante uma disciplina do curso de Pedagogia, onde cada professora atua em um escola diferente.

Esta investigação partiu dos estudos e das observações realizadas durante os Estágios curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras, nas áreas de Alfabetização e Letramento e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, envolvendo a realização de uma revisão bibliográfica sobre o processo de alfabetização e letramento, a partir de autores que se debruçaram sobre a educação em tempos de pandemia, a realização de entrevistas com três professoras alfabetizadoras de diferentes escolas (pública e particular) da cidade citada e o acompanhamento e relato das atividades e práticas desenvolvidas em uma turma de 3º ano ao longo do segundo semestre do ano de 2022, na intenção de aproximar os documentos que norteiam esses impactos na alfabetização e o que as escolas vivenciam no pós pandemia.

Como objetivos específicos, procura-se descrever como essa situação de pandemia é abordada nos documentos oficiais da educação, apresentar as percepções de professoras sobre a etapa de alfabetização e relatar as estratégias pedagógicas usadas em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública para minimizar as dificuldades na alfabetização dos estudantes.

Este trabalho está organizado em introdução; referencial teórico, contendo os tópicos de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e as transformações no contexto da alfabetização com a pandemia da COVID-19; o percurso metodológico, contendo todo o processo da pesquisa; os resultados e discussões, com a apresentação e discussão sobre as entrevistas com as professoras alfabetizadoras e o relato

de acompanhamento da turma de 3º ano; por fim, as considerações finais para encerrar todo o conteúdo abordado nesta pesquisa e as referências bibliográficas.

2 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Segundo Soares (2009), a alfabetização é o processo de ensino e aprendizagem de um sistema linguístico e da forma como usá-lo para se comunicar com a sociedade através da alfabetização, o sujeito será capaz de codificar e decodificar uma língua, aprendendo a ler e escrever. Esse processo também habilita o sujeito a desenvolver diversos métodos de aprendizado da língua. Assim, para a autora o “letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno.” A finalidade principal é transformar as crianças em cidadãos que usarão a leitura e escrita como função social transformadora para si e a favor do coletivo. O professor deve ser o mediador no processo de alfabetização e letramento, respeitando sempre o tempo das crianças e suas necessidades individuais, planejando e adequando a estrutura das aulas com o objetivo de abranger e cativar o maior número de alunos.

De uma forma mais geral, a alfabetização é considerada a adesão do saber entender as letras, “codificar” e “decodificar” um texto, e o escrever compreendido no processo de aprendizagem escolar. Já o processo de letramento é considerado cultural, pois ocorre antes mesmo do contato do indivíduo com o ambiente escolar, ou seja, de uma maneira bem sucinta. No letramento, o que ocorre é que, ao ler um texto, o indivíduo consegue compreender e interagir com ele, sendo capaz de ter um senso crítico, levando isso para seu cotidiano e atribuindo significado social. Na busca pela compreensão entre a relação existente dos conceitos, nas palavras de Santos (2014),

Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever, levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas as práticas de produção de textos. (SANTOS, 2014, p. 1).

Atualmente, é possível compreender a necessidade de alfabetizar letrando visando um completo processo de aprendizagem do educando e, com a realização do estágio, será possível entender a integração desses processos e suas especificidades.

Dessa forma, a sala de aula como ambiente alfabetizador, deve encorajar e incitar as crianças de forma objetiva e construtiva, deve ser um espaço no qual os livros ficam à disposição das crianças, de todo tamanho, forma, cor e material, ficando a escolha do livro por parte deles e a leitura mediada pela professora. Mesmo que não se domine a leitura, tendo o contato, observando os livros, figuras e desenhos, muito contribui para o desenvolvimento da alfabetização e do letramento. A presença de figuras na parede, afixadas no campo de visão dos alunos como os números e letras do alfabeto que são considerados estímulos visuais muito importantes, pois ajudam as crianças a consolidarem melhor os aprendizados. Placas contendo questões como: "Como está o tempo?" Quantos somos? Aniversariantes do mês? Também são interessantes, isso tem uma ligação direta ligada à rotina da criança que ao chegar à escola diariamente, faz suas reflexões e observações relacionadas ao que está a sua volta estimulando sua percepção e desenvolvimento.

O objetivo de um ambiente alfabetizador é despertar o interesse das crianças pela leitura e escrita. Alguns elementos que podem colaborar muito numa sala de alfabetização, é o alfabeto de parede, para consulta da criança durante o período de alfabetização, construído com a própria turma e dando a opção de um lugar embaixo das letras para colocar objetos pelas crianças no decorrer das aulas, para relacionar letras e objetos do seu dia-a-dia; ou até mesmo um alfabeto impresso, mas ressaltando a importância de não se utilizar alfabetos enfeitados demais, com olhos e bocas nas letras, por exemplo, pois pode confundir a criança, então é bom optar por letras "limpas". A sala pode até ser temática, mas esses desenhos e decorações em EVA, não podem se sobressair ao trabalho da turma. A criança precisa olhar as paredes e se encontrar ali. Além de que é importante ir trocando as produções antigas das crianças por novas ao longo do tempo. Outra parte importante no ambiente alfabetizador, é deixar espaço para listagens construídas coletivamente - alfabetizar com listagens não se trata de colocar as palavras em uma lista e fixá-las na parede para deixar que as crianças aprendam sozinhas de tanto olhar para elas, pois quando leva-se esse gênero para dentro da sala de aula, é preciso contextualizá-lo para que cumpra com sua função, como uma história contada e uma listagem de animais presentes nela e de conhecimento das crianças; a listagem precisa partir de um contexto -, um cantinho de leitura em que os livros fiquem à altura da criança para que ela possa manuseá-lo sempre que quiser, como já citado acima e também um espaço voltado para a matemática.

A alfabetização é um processo muito importante na vida da criança. Os estímulos ao desenvolvimento cognitivo dos alunos é o mais importante em um ambiente alfabetizador. As crianças reagem de formas diferentes, por isso, esse ambiente precisa ser organizado e assimilar hábitos de trabalho que contribuam para a independência de cada uma delas. Tendo preferências por atividades diferentes onde cada uma apresenta o seu próprio ritmo. O desenvolvimento das atividades psicomotoras, do relacionamento com os outros, da fala e de diversas outras formas de comunicação vão acontecendo em épocas relativamente distintas.

O ambiente alfabetizador não se resume a um lugar cheio de letras, textos e números. Deve ser, também, um espaço onde ler e escrever sejam práticas diárias. O professor precisa ser um mediador desse conteúdo para que seja transformado em conhecimento, e construir pontes entre as crianças e a leitura e a escrita. Mais do que ter murais repletos de cartazes, o ambiente alfabetizador é um espaço onde as crianças interagem sistematicamente com a leitura e a escrita, pois a praticam antes mesmo de dominar suas convenções.

Neste sentido as crianças estão sendo estimuladas a vivenciar a escrita e compreender o seu sentido social. O uso que se faz dos textos presentes é que tornará o ambiente estimulador da alfabetização. Isso significa que a leitura e a escrita precisam ter uso real e social, estar presentes no cotidiano e aparecer em textos com significado para que as crianças estejam à vontade nesse uso na sala de aula, que deve estar preparada de forma a despertar o interesse pela leitura, pela escrita e pelo manuseio do material didático.

Sendo a maior etapa da Educação Básica, o Ensino Fundamental atende estudantes de 6 à 14 anos. Compreende-se, portanto, que há nessa etapa, crianças e adolescentes que estão passando por diversas mudanças em sua vida, podendo ser essas emocionais, sociais, corporais, cognitivas, etc. Tais mudanças são um dos principais desafios para e durante a elaboração de um currículo que atenda esse nível de escolarização.

O Ensino Fundamental é dividido em duas fases: Ensino Fundamental - anos iniciais (que atende crianças do 1º ao 5º ano) e o Ensino Fundamental - anos finais (que atende crianças e adolescentes do 6º ao 9º ano). De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), para o Ensino Fundamental - anos iniciais a proposta visa o desenvolvimento das múltiplas aprendizagens de forma conectada com as experiências vividas na etapa anterior (Educação Infantil), valorizando os momentos lúdicos de

aprendizagens, onde tais vivências são fontes de estímulos para o desenvolvimento da curiosidade e da formulação de perguntas, guiando-as para a construção de um pensamento crítico, lógico e criativo. Ainda de acordo com a BNCC (2018) é trabalhado no Ensino Fundamental – anos iniciais:

[...] no eixo Oralidade, aprofundam-se o conhecimento e o uso da língua oral, as características de interações discursivas e as estratégias de fala e escuta em intercâmbios orais; no eixo Análise Linguística/Semiótica, sistematiza-se a alfabetização, particularmente nos dois primeiros anos, e desenvolvem-se, ao longo dos três anos seguintes, a observação das regularidades e a análise do funcionamento da língua e de outras linguagens e seus efeitos nos discursos; no eixo Leitura/Escuta, amplia-se o letramento, por meio da progressiva incorporação de estratégias de leitura em textos de nível de complexidade crescente, assim como no eixo Produção de Textos, pela progressiva incorporação de estratégias de produção de textos de diferentes gêneros textuais. (BRASIL, 2018, p. 89).

Levando em consideração as características desta faixa etária, as propostas pedagógicas devem estar organizadas de acordo com os interesses manifestados pelas crianças, ou seja, de acordo com as suas vivências. A professora deve levar em consideração quais objetivos ela pretende atingir e quais são as necessidades de seus alunos. Esses objetivos e necessidades são baseadas em alguns princípios didáticos (ressaltando que nessa perspectiva, a criança se torna um sujeito ativo no processo de construção de seu conhecimento), sendo eles:

[...]valorização dos conhecimentos prévios dos alunos; ensino centrado na problematização; ensino reflexivo, com ênfase na explicitação verbal; ensino centrado na interação e na sistematização dos saberes; utilização de atividades diversificadas, desafiadoras e com possibilidade de progressão (das atividades mais simples às mais complexas) [...]. (PESSOA, [s/d]).

E então, a partir disso, progredir e ampliar sua compreensão de mundo e sua atuação sobre ele. Segundo a BNCC,

Nos primeiros dois anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades

de leitura e escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramento. (BRASIL, 2018, p. 59).

A partir da implementação da Base, toda criança deverá estar plenamente alfabetizada até o fim do 2º ano, ou seja, o foco da ação pedagógica deve ser a alfabetização, onde as crianças precisam conhecer o alfabeto e o processo da leitura e da escrita – esse que faz com que consigam codificar e (de)codificar os sons da língua, conhecidos como fonemas; e materiais gráficos, conhecidos como grafemas ou letras; desenvolvendo uma consciência fonológica e o conhecimento do alfabeto em seus variados formatos (letras caixa alta, cursivas, maiúsculas e minúsculas). Até o final dessa etapa, as crianças devem desenvolver as seguintes competências e habilidades, como sendo capacidades de (de)codificação, de acordo com a BNCC (2018):

- Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação);
- Dominar as convenções gráficas (letras maiúsculas e minúsculas, cursiva e script);
- Conhecer o alfabeto;
- Compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita;
- Dominar as relações entre grafemas e fonemas;
- Saber decodificar palavras e textos escritos;
- Saber ler, reconhecendo globalmente as palavras;
- Ampliar a sacada do olhar para porções maiores de texto que meras palavras, desenvolvendo assim fluência e rapidez de leitura (fatiamento). (BRASIL, 2018, p. 93)

Ao longo dos anos escolares seguintes, o processo de alfabetização será complementado com o foco na análise linguística, que abrirá o leque para o conhecimento e as habilidades linguísticas dos estudantes. Portanto, na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, é imprescindível a atenção à ampliação das aprendizagens, ao aprofundamento das experiências de alfabetização, sendo essa sistematizada nos 1º e 2º anos desta etapa.

Para iniciar o processo de alfabetização é levado em consideração o fato de que alfabetizar não é reproduzir o que foi decorado, passa muito além dessa questão, “É poder estar inserido em práticas diferenciadas de leitura e escrita e poder vivenciá-las de forma autônoma, sem precisar da mediação de outras pessoas que sabem ler e escrever.” (ALBUQUERQUE, 2007, p. 21). Proporcionar à criança um ambiente que desperte sua imaginação e seu gosto pelo aprendizado de maneira lúdica irá contribuir para o seu

entendimento e enriquecimento. Antes de a criança ingressar na escola ela já tem contato com a educação escrita, assim o professor pode utilizar de um ambiente que o auxilie na mediação do conhecimento que a criança possui antes de iniciar o seu processo de escolarização.

3 TRANSFORMAÇÕES NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO COM A PANDEMIA DA COVID-19

Desde o início do ano de 2020, o mundo vem tentando se adaptar ao novo “normal”, devido à pandemia causada pelo COVID-19, que surgiu no fim de 2019 e perdura até os dias atuais. Com a educação não foi diferente, e acreditamos que os desafios existentes foram e ainda são, bem maiores para os educadores e educandos. Sendo assim, a atuação docente precisou ser mudada completamente, então foi necessária uma grande adaptação ao ensino remoto: trabalhar, planejar e elaborar tudo em casa, reformulando de acordo com as necessidades do momento, sem poder estar na sala de aula ou em contato com os alunos de forma presencial, como era de costume.

De acordo com o documento do Parecer CNE/CP nº 9/2020, foi em 31 de dezembro de 2019 que se mencionou pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela primeira vez, uma pneumonia de causas desconhecidas encontrada na China, declarando, no dia 30 de janeiro de 2020 o surto como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – declarado através do Diário Oficial da União (DOU), em 4 de fevereiro de 2020, uma Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional. Em 11 de março de 2020, a OMS anunciou que a dispersão da COVID-19 no mundo se caracterizava como pandemia, recomendando o “isolamento e tratamento dos casos identificados, testes massivos e distanciamento social” (Parecer CNE/CP nº 9/2020, p. 1). Estados e Municípios passaram a editar decretos e outros instrumentos legais e normativos, a fim do enfrentamento da emergência de saúde pública que se instaurava, entre elas, a suspensão das atividades escolares.

Em 17 de março de 2020, o Ministério da Educação (MEC) divulgou por meio da Portaria nº 343, a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais para instituições de educação superior do sistema federal de ensino, pelo tempo que durasse a situação de pandemia da COVID-19. E no dia seguinte, dia 18 de março de 2020, o Conselho Nacional de Educação (CNE) manifestou-se para esclarecer aos sistemas e redes de ensino de todos os níveis, etapas e modalidades, para considerarem a necessidade de reorganização das atividades acadêmicas, com ações para evitar a propagação da COVID-19. A situação levou diversos Conselhos Estaduais de Educação e inúmeros Conselhos Municipais de Educação, a emitirem resoluções e/ou pareceres para orientar as instituições de ensino que pertenciam aos respectivos sistemas, sobre a reorganização

do calendário escolar e atividades não presenciais. A essa altura, já se instaurava o caos, pois as instituições de ensino não sabiam nem por onde começar esse planejamento, situação essa sem precedentes na história mundial do pós-guerra. Milhões de estudantes estavam sem aulas devido ao fechamento total ou parcial das escolas e universidades em mais de 150 países, segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). As aulas presenciais foram suspensas em todo o território nacional no Brasil, pois a situação além de imponderável, precisou seguir ritmos diferenciados nos diferentes Estados e Municípios, em decorrência à extensão e intensidade da contaminação pela COVID-19. Era um momento de desespero e busca por soluções a todo momento.

O Congresso Nacional aprovou, em 20 de março de 2020, o Decreto Legislativo nº 6, pela solicitação do Presidente da República, a ocorrência do estado de calamidade pública. Ação que levou o Governo Federal a editar a Medida Provisória nº 934, em 1º de abril de 2020, que estabelecia “[...] normas excepcionais para o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020.” (Parecer CNE/CP nº 9/2020, p. 2).

Ademais, o MEC informou que outras ações estavam sendo realizadas pelo Ministério, buscando diminuir, na medida do possível, os impactos da pandemia na educação, entre elas:

- Criação do Comitê Operativo de Emergência (COE);
- Implantação de sistema de monitoramento de casos de coronavírus nas instituições de ensino;
- Destinação dos alimentos da merenda escolar diretamente aos pais ou responsáveis dos estudantes;
- Disponibilização de cursos formação de professores e profissionais da educação por meio da plataforma AVAMEC – Ambiente Virtual de Aprendizagem do Ministério da Educação;
- Disponibilização de curso *on-line* para alfabetizadores dentro do programa Tempo de Aprender;
- Reforço em materiais de higiene nas escolas por meio de recursos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) para as escolas públicas a serem utilizados na volta às aulas;
- Concessão de bolsas da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) para estudos de prevenção e combate a pandemias, como o coronavírus;
- Ampliação de recursos tecnológicos para EaD em universidades e institutos federais;

- Ampliação das vagas em cursos de educação profissional e tecnológica na modalidade EaD pelo programa Novos Caminhos; e
- Autorização para que defesas de teses e dissertações de Mestrado e Doutorado sejam realizadas por meio virtual. (Parecer CNE/CP nº 9/2020)

A partir das normas registradas em nível federal pelo MEC, em nível estadual e municipal por seus respectivos Conselhos de Educação, houve muitas consultas sendo formuladas ao CNE, demandando de orientações em nível nacional sobre a reorganização do calendário escolar, com a possibilidade de usar de atividades não presenciais para cumprir a carga horária mínima anual – que foi aprovado por unanimidade pelos membros do Conselho Pleno (CP), o voto prolatado pela Conselheira Maria Helena Guimarães de Castro e pelo Conselheiro Eduardo Deschamps, em 28 de abril de 2020. O que resultou na publicação do edital de chamamento de consulta pública, em 17 de abril de 2020 pelo CNE, que tratava “[...] da reorganização dos calendários escolares e a realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19.” (Parecer CNE/CP nº 9/2020, p. 2-3). Receberam então, por volta de 400 contribuições de organizações que representavam órgãos públicos e privados da educação básica e superior, assim como de instituições de ensino e profissionais da área da educação, além de pais e alunos da educação básica. Também foram realizados webnários com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), Conselho Nacional dos Secretários Estaduais de Educação (CONSED), União dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME) e Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais de Educação (FNCE).

Ao estudar um pouco sobre o tema, percebe-se o quanto é complexo a questão sobre quando alfabetizar, conseguir articular os documentos oficiais orientadores com as práticas e crenças das professoras. Sabemos que existem vários métodos para se alfabetizar uma criança, e que cada professora faz a escolha de um, mas o importante é ter um método, seja ele qual for. Sabe-se também que existem pedagogias que pensam diferente sobre a alfabetização das crianças, que priorizam isso só mais tarde na vida delas, e na Educação Infantil, a única preocupação é que elas brinquem, se desenvolvam e se tornem indivíduos plenos para com sua vida adulta, tendo vivido de forma satisfatória a sua infância. Diante disso, como podemos pensar em um cenário pleno para a alfabetização e letramento de forma remota? O impacto da pandemia foi e está sendo muito grande e complexo para essa área da educação.

De acordo com o Instituto Alicerce, os reflexos negativos que a pandemia causou na educação, não se resume somente à aprendizagem, mas ao número de crianças e jovens que abandonaram os estudos. Eles citam sobre a evasão escolar, que de acordo com a pesquisa C6Bank / DataFolha, cerca de quatro milhões de crianças, jovens e adultos brasileiros, com idades entre 6 e 34 anos, abandonaram seus estudos no ano de 2020, nas etapas de Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior. Uma das principais causas desse abandono, é a questão socioeconômica, onde os estudantes das classes sociais mais baixas dispararam nos índices de evasão.

Por causa da pandemia, as escolas precisaram optar pelo ensino remoto, o que contribuiu para que muitas crianças e jovens ficassem longe das aulas nesses últimos anos, já que muitas não tem acesso à internet. Ainda segundo o Instituto Alicerce (2022, s/d),

De acordo com a UNICEF, entre os estados brasileiros que adotaram o ensino remoto, apenas 15% distribuíram dispositivos aos alunos, e menos de 10% subsidiaram o acesso à internet. Como consequência, 3,7 milhões de estudantes matriculados não tiveram acesso a atividades escolares e não conseguiram estudar em casa.

As consequências disso, já podem ser vistas nas primeiras avaliações diagnósticas de desempenho dos estudantes, aplicadas nas escolas com o retorno do ensino presencial no ano de 2022, evidenciando a dimensão dos danos e reflexos na educação causado pela pandemia.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Na parte metodológica deste trabalho realizou-se pesquisas em literatura com autores clássicos com relação à temática, utilizando-se de palavras-chave: “alfabetização e letramento”, “alfabetização pós pandemia” e “impactos pós pandemia na alfabetização”, em materiais já publicados e discutidos acerca do tema. A abordagem utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa foi de cunho qualitativo, pesquisa essa que:

[...] se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...] a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. (MINAYO, 2011, p. 21-22).

Nesse sentido, visando alcançar os objetivos desse trabalho, realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica, que é feita a partir de materiais já publicados, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Essa pesquisa refere-se ao processo de alfabetização e letramento, a partir de autores que abordam sobre o processo da apropriação do sistema de escrita, além de investigar todo o percurso que a educação sofreu com a pandemia causada pela COVID-19 – com ênfase na educação brasileira.

Também realizou-se uma investigação que partiu dos estudos e das observações realizadas durante os Estágios Curriculares obrigatórios do curso de Pedagogia da UFLA, nas áreas de Alfabetização e Letramento e Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2022, a fim de observar o desenvolvimento e dificuldades das crianças com o retorno presencial após dois anos, e os desdobramentos que foram necessários desenvolver pelas professoras para tentar suprir o que foi tão prejudicado com o longo tempo de distanciamento das escolas.

O intuito da pesquisa foi de refletir sobre os impactos causados pelo ensino não presencial realizado durante a pandemia da COVID-19, baseado em materiais já existentes sobre a temática e na observação da prática de alfabetização de estudantes do 3º ano.

A pesquisa de cunho qualitativo foi utilizada por dois procedimentos de coleta de dados: onde ocorreu a realização de entrevistas com três professoras alfabetizadoras de escolas pública e particular de uma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, no primeiro semestre de 2022, e o acompanhamento e relato das atividades realizadas em uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, de uma outra escola pública da mesma cidade, dos meses de julho a dezembro de 2022, abordando as percepções da professora sobre o aprendizado dos estudantes em leitura e escrita diante dos dois anos de ensino não presencial, as minhas observações como autora da pesquisa em relação a turma e outros fatores relevantes para a mesma.

5 DADOS E DISCUSSÃO

1º MOMENTO: CONVERSA COM AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS

Esta seção refere-se aos registros pessoais de entrevistas com três professoras alfabetizadoras de instituições das redes pública e privada de uma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, que aconteceram no primeiro semestre de 2022, quando ocorreu o retorno das atividades presenciais nas escolas. As perguntas recaíram sobre a etapa de alfabetização e o trabalho que realizam junto às crianças. Aqui ressalta-se que os nomes das professoras alfabetizadoras foram dados de forma fictícia.

A primeira entrevistada, professora Kátia, é uma professora alfabetizadora formada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento, Curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola - GDE, da UFLA. Ela tem uma paixão por educar. Completa 21 anos em que atua como professora alfabetizadora, e nesse tempo, por sete anos trabalhou no 1º ano e dois anos no 2º ano, ambos do Ensino Fundamental. Já trabalhou em algumas escolas da cidade e atualmente atua em uma escola da rede particular de ensino da cidade. A professora relata que onde ela mais se identifica e se encanta é pela Educação Infantil, pois diz ser que é lá onde se planta a semente da alfabetização.

Ela diz que a professora alfabetizadora marca positivamente ou negativamente a vida das crianças, pois a função pessoal, afetiva e de conhecimento partilhado é muito grande, em que se partilha a vida o ano todo com aquela turma, com cada criança. Ela aborda que às vezes a teoria para nós, que já somos alfabetizados, é óbvia, mas que não falamos isso para a criança pois ela está construindo a sua base de conhecimento.

Antes de ser questionada com perguntas, a professora explicitou que ela não é detentora de todos os saberes, pois o professor está em constante construção. É importante que nós, como estudantes, ouçamos isso de uma profissional experiente e de tantos anos em sala de aula, pois ficamos inseguros com as práticas e com o futuro como professoras. Então encontramos conforto nessas palavras, além de podermos usar muito do conhecimento que ela possui e das práticas que vêm adotando com as crianças.

A primeira pergunta foi a respeito de um momento difícil encontrado pela professora no momento de alfabetizar uma criança, e ela responde que são vários, mas o mais marcante no tempo em que ela atua, é quando a família não aceita ou não é parceira

na construção do conhecimento, não fazendo a parte dela e não dando importância ao processo, pois muitas vezes os responsáveis querem e acham que alfabetização tem uma data ou rótulo pronto para ser seguido, em que a criança precisa ter uma idade certa para ser alfabetizada. A professora Kátia explica que é uma construção feita desde quando a criança é concebida; não nasce de uma hora para outra como se fosse uma habilidade. Assim, uma das maiores dificuldades é os responsáveis não compreenderem que a alfabetização é um processo, por isso, é necessário que os professores estejam pautados, que saibam aonde querem chegar e como deve intervir nas situações necessárias. Um ponto abordado ainda sobre esse processo, é sobre o uso das apostilas, onde a professora aborda que é importante saber quando e como usá-las. O professor precisa ter autonomia de conteúdo, pois não adianta focar somente nos prazos de cumprimento da apostila, se aquilo não fizer sentido para a criança. A apostila é um norte, mas não se deve ficar preso somente nela, pois o importante não é o escrever, é o processo que a criança vivenciou; o registro é o último passo do processo.

Outra pergunta foi sobre a primeira etapa da alfabetização, que a professora vê como início o encantamento. Diz ser necessário mostrar para a criança, tanto da Educação Infantil quanto do Ensino Fundamental, o porquê daquilo, aguçar a curiosidade, pois cada uma tem uma forma de aprender, então quando se contempla nas aulas diferentes modos de apresentação do conteúdo e os diferentes campos de experiências, proporciona-se para todas as crianças a oportunidade de aprender. Em seguida, vem o planejamento, pensando nos objetivos e metas do professor, sem receita de bolo. O professor precisa ver o significado para que a criança também veja. Sobre os métodos de alfabetização, a professora diz gostar muito do método fônico, mas não utiliza somente ele, pois precisa de contextualização e de significado, mostrar na prática e então trabalhar com os sons das letras e onde se aplica. A professora Kátia diz que quanto mais cuidadoso o professor for, se colocando no lugar da criança, menos problemas ele vai ter com os pais, com a escola e principalmente com a própria criança. Quando se cobra muito dela e ela não dá conta, não vai saber falar e explicar isso, então vai demonstrar através de sinais físicos.

A próxima pergunta foi a respeito da dificuldade em alfabetizar as crianças, e a professora aborda que é ótimo quando o aluno já está inserido no mundo das letras, ou seja, quando ele é letrado, mas que o “problema” está quando ele não percebe este mundo em que ele está, e quando a própria família da criança não entende a importância disto

para a vida do aluno. Dando continuidade, ela cita um livro da Ruth Rocha denominado “O menino que aprendeu a ver” e diz que nós não aprendemos a ler mas sim a ver.

Outra pergunta feita foi se durante as experiências que ela teve em sua carreira docente, ela já se deparou alguma vez com alunos que portam TDAH, se houve dificuldades durante o processo de alfabetização e quais foram. A entrevistada responde dizendo que cada caso é um caso, mas que há problemas de aprendizagem e problemas de ensinagem. Às vezes a criança possui dificuldade por, em algum momento, ter “queimado” uma etapa desse processo. Ela frisa que a aprendizagem para ser efetivada deve se dar por etapas. Sobre como devemos lidar, ela menciona que se deve procurar assuntos em que a criança se interesse, pois esta prática contribui muito para prender a atenção da criança, já que o TDAH é justamente o diagnóstico de hiperatividade e desatenção. Devemos significar as atividades, com o objetivo de se obter a concentração dos alunos durante a sequência das tarefas, além de filtrar as mesmas observando e adaptando à realidade do aluno.

Para encerrar a entrevista, foi feita a pergunta sobre como acontece a apresentação das letras para as crianças, ou seja, o primeiro contato delas. Como resposta, a entrevistada disse que primeiramente apresenta as vogais e depois as letras consoantes que possuem sons mais fáceis de compreensão, por exemplo o P, o V e o R.

A segunda entrevistada, professora Ana, é uma professora alfabetizadora também de uma escola particular, da mesma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, que trabalha inspirada na Pedagogia Waldorf. A professora relata que a Pedagogia Waldorf, tem uma forte ligação com a antroposofia, ou seja, está ligada também com a Medicina e a Agricultura. Esta Pedagogia leva os professores a olharem para as crianças como seres únicos; e durante a Educação Infantil, as crianças são expostas à diversas atividades de autoconhecimento, contato com a natureza, brinquedos de madeira e o livre brincar, dando ênfase naquilo que é natural e real do seu mundo. Ela não tem uma metodologia global, pois pensa cada criança em sua individualidade. A professora acompanha a criança durante todos os anos do Ensino Fundamental, e antes de fazer o movimento fino, a criança aprende o movimento corporal pelo meio livre do brincar, respeitando o ritmo de funcionamento do corpo. A educação é preparada para que a criança se sinta em casa, então um dos vínculos muito importantes da escola, é com a família.

Durante todo o ano, a criança vivencia épocas de aprendizagem. Por exemplo, a época das letras, a época dos números etc. Quando uma está sendo trabalhada, a outra fica em segundo plano, adormecida como mencionou a professora, e assim sucessivamente. Destaca-se também, que durante esse “adormecer”, as crianças internalizam os seus conhecimentos e é onde acontece o “despertar”. Cada criança desperta em dias diferentes, em épocas diferentes, e no seu tempo, sem acontecer uma comparação com as demais, sem pressão para aprender igual e em tempos iguais às outras.

No 1º ano, a primeira época apresentada para as crianças é das retas e curvas (formas), pois elas são a base de todas as letras. Quando as retas são apresentadas às crianças, trazem-nas para o mundo concreto. São apresentados também nessa etapa, os números romanos, então é evidenciado a importância do contato das crianças com a natureza, como por exemplo, na aprendizagem de matemática com a contagem de grãos; enfatizando que o processo de aprendizagem ocorre de forma leve, sem pressionar, sem classificá-la, aprendendo com uma autoridade amada, ou seja, a professora ensina com amor, tendo todo um carinho e um cuidado na sua forma de falar e agir com elas, criando um vínculo de amizade.

A professora Ana é questionada sobre crianças que vêm de fora deste sistema, de como ela se adapta e como ela é recebida, pois é uma metodologia bem diferente da tradicional a qual estamos acostumadas. Em resposta, a professora diz que isso ocorre naturalmente, pois os mecanismos apresentados para essa “nova” criança são desconhecidos por ela, é tudo novo. Mesmo quando ela já conhece a letra, outros aspectos desse aprendizado são monitorados, como por exemplo, se a criança está madura, sabendo lidar com suas emoções etc. Então quando a criança chega na escola Waldorf, a professora marca uma reunião com os pais, buscando todas as informações possíveis sobre ela, desde quando estava dentro do ventre da mãe até o momento de inserção na nova instituição.

Na Pedagogia Waldorf, o processo de avaliação das crianças ocorre no dia a dia delas, através da observação da professora e de relatórios que são entregues de forma manuscrita, onde está detalhado tudo que acontece com essa criança e seu desenvolvimento ao longo do ano, excluindo o uso de provas escritas e atribuição de notas. É trabalhado o sentir e o pensar das crianças com o tricô, a flauta, o relógio, a confecção do seu próprio livro, a aquarela, o teatro, a música etc, tudo pensado no processo de aprendizagem. A vivência é um grande mecanismo do processo de alfabetização.

Para finalizar essa entrevista quando questionada sobre as desvantagens de monitoramento contínuo dessas crianças por vários anos, ou problemas enfrentados no processo de separação dessas crianças, a professora menciona o fato da autoeducação, onde o professor só vai conseguir resolver problemas com os pais ou até mesmo com a própria criança, se ela estiver bem consigo mesma. Buscando o diálogo sobre o processo de separação, ela relata que mesmo sendo dolorido, as crianças estão entrando em outra fase de desenvolvimento e em outro vínculo, em que isso acontece de forma natural. Mas o carinho e o laço existente com o professor se estendem por toda a vida.

A terceira e última entrevistada, professora Edna, foi uma professora alfabetizadora da rede pública da mesma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais. A professora possui uma ótima bagagem de conhecimento e já trabalhou com crianças desde o Berçário até o Ensino Fundamental. Um dos pontos norteadores da entrevista, foi a respeito dos obstáculos enfrentados pela professora com o retorno das aulas presenciais, devido à pandemia do COVID-19, desde a defasagem do ensino às questões sociais que foram agravadas fortemente nesse período. Ela aponta as dificuldades no ensino remoto, devido aos problemas familiares, a necessidade de uma boa conexão à internet, ao material que não foi possível ser disponibilizado para todos, entre outros pontos.

A professora Edna atualmente atua em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, com 26 crianças em sala. O distanciamento da escola e da sala de aula que se deu pela pandemia, acabou causando uma alfabetização falha nas crianças que chegaram no ano de 2022, devido à falta da 1ª e 2ª etapas da Educação Infantil de forma presencial, onde as crianças trabalham a dança, a lateralidade, a coordenação, a concentração e a questão da identidade, como o seu nome. Inicialmente, com a volta presencial das aulas, a professora, com o intuito de diagnosticar as dificuldades de sua turma, realizou atividades de sondagem para conseguir identificar em que fase de aprendizado as crianças se encontravam, buscando consolidar as habilidades que ainda não tinham sido consolidadas, trabalhando as etapas, o raciocínio, as letras e os números.

Uma das perguntas realizadas à entrevistada foi a respeito das apostilas trabalhadas com os alunos da rede municipal de ensino (assim como também questionada a professora da rede particular da cidade), sobre a obrigatoriedade de trabalhar com elas; a professora apontou para o fato de ter que seguir apostilas enviadas pelo município, havendo a necessidade de trabalhar junto com os alunos; porém, por mais que sejam

apostilas excelentes que trabalham os eixos do Ensino Fundamental de acordo com a BNCC, a realidade das crianças e o aprendizado delas está atrás do que a apostila cobra naquele momento. Mas ela busca adaptar e trazer para a realidade das crianças o que o sistema impõe para a rede municipal, adotando medidas que possam fazer sentido para as crianças. Uma questão que chamou atenção na entrevista com essa professora, foi o fato de que foi proposto pela secretaria que a professora trabalhasse dois anos em um, ou seja, ensinar para as crianças sobre o ano anterior e sobre o ano em questão. Mas essa é uma responsabilidade e carga muito grandes para qualquer profissional da educação e para os alunos em geral. Com a pandemia, de acordo com a professora, as crianças encontraram ainda mais dificuldades sobre a aprendizagem, um ensino dessa forma proposta não funcionaria, e acredita que traria ainda mais defasagem para a educação.

Foi perguntado também para a professora Edna sobre qual método alfabetizador ela utiliza, e então ela respondeu que gosta dos métodos fônico e silábico, mas que também depende muito da turma para decidir qual o melhor a se trabalhar, concluindo assim que ela não possui um método único. Ela acredita nas atividades com parlendas e rimas, em que percebe que ajuda muito no processo de alfabetização, assim como os jogos de concentração e coletivos que também contribuem muito. Como mensagem final, ela nos deixou a reflexão de que nós, como futuros profissionais pedagogos, temos que ter persistência e paciência para lidar com cada etapa da educação das crianças, e que apesar das várias dificuldades encontradas, é um trabalho lindo e recompensador.

2º MOMENTO – APROXIMAÇÕES E VIVÊNCIAS EM UMA TURMA DE 3º ANO

As vivências a serem relatadas nesta seção: o relato pessoal de uma experiência em estágio supervisionado, imagens de atividades realizadas pelas crianças de uma mesma turma e reflexões teóricas acerca dos dados; ocorreram no âmbito do componente curricular PRG 1336 Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental em uma instituição da rede municipal de educação, de uma cidade localizada no campo das vertentes em Minas Gerais, escola essa, diferente da escola da professora entrevistada Maria. O estágio supervisionado se iniciou em julho de 2022, a fim de cumprir com a carga horária necessária, terminando no meio de agosto de 2022, mas se estendeu até o final do ano para o acompanhamento da turma e relato nesta pesquisa, terminando em

dezembro, com o final do ano letivo na instituição. Ressaltando que nestra sessão, os nomes citados também são fictícios.

Trata-se de uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental, que contava com vinte e três alunos na sala, sendo duas alunas com laudos – uma com baixa visão e outra com limitações físicas -, a professora regente Letícia e a professora apoio Brenda – que era de direito somente para a aluna com limitações físicas, mas ela deu assistência para a outra também, por iniciativa própria. A partir das percepções que tive em sala, percebi o grande impacto que as crianças haviam sofrido depois de dois anos longe da escola, por causa da pandemia e a adoção do ERE.

No meu primeiro contato com a escola para conversar a possibilidade de vaga para o estágio supervisionado fui recebida pelo supervisor das turmas de 3º anos da instituição, Alberto, e então encaminhada para a professora de uma dessas turmas, que foi a professora Letícia. Conversamos por algum tempo e esclarecemos em primeiro momento, quais seriam as demandas, pois além do estágio supervisionado, eu aproveitaria para a observação para a minha pesquisa. Ela aceitou no mesmo momento.

Quando precisamos fazer um estágio obrigatório como parte das exigências do curso de Pedagogia, temos receio do que será encontrado na escola, pois muitas instituições e, principalmente, professoras, não vêem estagiárias com bons olhos. Não somos recebidas de uma forma acolhedora e na maioria das vezes só ficamos no fundo da sala observando as práticas da professora regente, fazendo as anotações necessárias para mais tarde montar a pasta de estágio e sem muito contato com os alunos. Mas neste estágio em específico, fui muito bem acolhida desde o começo e apoiada no que precisei, além da professora ter me deixado à vontade para aplicar práticas com a turma, em colaboração com ela, como se fosse uma terceira professora na turma – pois a professora apoio também era vista como uma professora da turma. Isso enriqueceu o aprendizado como estudante e, com isso, foi possível dar um maior apoio à professora regente, que muitas vezes ficava sobrecarregada com a demanda necessária, pois há um cronograma e prazos para se cumprir.

A escola é bem organizada, possui uma boa estrutura física, é moderna, espaçosa, as carteiras das salas são novas, a quadra é grande, o refeitório é constituído com três mesas grandes de granito e possui uma área ampla para as crianças na hora do recreio. As turmas recebem cores para diferenciá-las umas das outras e, por meio disso, é feita a escolha das turmas pelas professoras no começo do ano, somente por essa denominação

de cor, sem saber quais serão os alunos de cada turma, para tornar essa escolha um pouco mais justa para as professoras e também para os alunos, pois sabemos que toda escola tem aqueles alunos que dão mais trabalho, são mais “indisciplinados” e as professoras com prioridade na instituição – as efetivas – não escolhem essas turmas. O Projeto Político Pedagógico (PPP) dessa instituição fica com a diretora, mas a disposição de quem queira consultá-lo. É um documento que orienta as práticas dentro de uma escola – ou pelo menos o que deveria acontecer. Eu soube que quando acontece o prazo para a reformulação deste documento, a equipe escolar e comunidade são convidadas para fazerem parte, mas ninguém se interessa por isso, pois ninguém quer pegar essa responsabilidade, o que não se faz cumprir a democracia, pois todos tem o direito de opinar e dar sugestões, mas preferem se ausentar desse direito.

Depois de uma breve contextualização a respeito da instituição em que aconteceu o estágio, vou me debruçar sobre a turma. Como sabemos, uma turma de 3º ano do Ensino Fundamental em 2022, somente cursou até a Educação Infantil de forma presencial, pois em 2020 o ensino que conhecíamos precisou ser mudado para outro formato devido à pandemia da COVID-19. Esses alunos, não tiveram o 1º e 2º anos de forma presencial, aconteceu de forma remota e não tão satisfatória. Assim como cita a BNCC (2018, p. 89-90), “[...] é nos anos iniciais (1º e 2º anos) do Ensino Fundamental que se espera que ela se alfabetize. Isso significa que a alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica”, ainda “[...] alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante”.

Mas como alfabetizar crianças de forma remota e satisfatória? Como alfabetizar crianças que não tem condições para acompanhar o ensino remoto? Como alfabetizar crianças de forma remota sem contato presencial com a professora e sem o auxílio que necessitam em casa? Todos precisaram se reinventar para viver o momento da pandemia que estava acontecendo, e como já citado em outro momento, o desafio na educação foi ainda maior tanto para as famílias quanto para as professoras. Por esses dois anos de ERE, a defasagem na aprendizagem das crianças se tornou gigante. Como relato da professora Letícia, ela contou que precisou voltar a conteúdos do 1º ano, precisou voltar a fazer letra bastão, a ensinar traçado, ensinar como se usa um caderno e a direção da escrita, ensinar o alfabeto, a formação de sílabas das palavras, como se forma as próprias palavras, dentre

outras questões tão importantes para a fase da alfabetização, e também a base para os outros anos escolares.

A professora regente da turma relatou que tudo isso foi necessário, pelo alto nível de defasagem em que as crianças se encontravam, pois em casa, poucos eram os pais que auxiliavam os filhos durante os estudos remotos. A grande maioria ficou sem contato nenhum com atividades escolares, pois a escola disponibilizou materiais para serem realizadas atividades em casa, mas muitas famílias não buscaram. Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, é o momento em que se aprofunda as experiências com língua oral e escrita que já foram iniciadas na família e na Educação Infantil para as crianças, de acordo com a BNCC (2018, p. 89). Ao meu ver, grande parte do motivo da defasagem é a falta de auxílio das famílias, mas também precisamos pensar que são vários os motivos para esse auxílio não acontecer, como falta de conhecimento das famílias, falta de tempo, falta de recursos, etc. A família na vida escolar das crianças faz toda a diferença. As crianças dessa turma que já estavam mais avançadas em relação às outras, foi por esse motivo, tiveram um incentivo em casa e os responsáveis auxiliaram durante o processo de ERE.

Uma questão importante a ser citada nesta pesquisa é sobre a professora apoio da turma, que foi designada para acompanhar duas crianças, mas não ficou somente como apoio, como aquela professora que fica no fundo da sala com uma criança atendendo somente a ela. A professora regente e a professora apoio formaram uma parceria, onde elas trocavam experiências, ideias, conversavam sobre as situações da turma toda e se apoiavam uma na outra. A professora apoio tinha autonomia com a turma, auxiliava a professora regente em momentos de ausência, se ela determinava algo com eles, a professora regente não discordava dela, e todo esse laço que foi criado, fez toda a diferença na aprendizagem e na convivência dessa turma. Era como se a turma tivesse duas professoras, e não somente uma. Isso foi um dos maiores aprendizados para mim durante esse semestre com essa turma e professoras.

Na experiência da professora Letícia e com o tempo que ela possui em sala de aula, contou que o retorno às aulas presenciais foi um grande desafio, pois as crianças já eram para estarem alfabetizadas e era necessário cumprir com a programação específica para o 3º ano. Ela disse ter ficado muito preocupada com a situação em que sua turma se encontrava, pois ao conversar com outras professoras de turmas do mesmo ano, elas relatavam que as crianças já estavam fazendo a letra cursiva, só ela se destoava do grupo.

E mesmo com esse sentimento e preocupada, ela tomou a decisão de voltar aos conteúdos, pois como iria ensinar letra cursiva se as crianças nem ao menos reconheciam as letras do alfabeto? Ela diz ter conversado muito com a professora Brenda e trocaram muitas ideias sobre a situação em que ela se encontrava. E com a sua autonomia de professora, ela optou por voltar e trabalhar as partes em que eram necessárias. Ela disse que valeu a pena, pois a maioria dos alunos conseguiram desenvolver e entender os processos que deveriam saber naquele momento. Assim como a minha percepção, a professora relatou que as crianças que não desenvolveram as habilidades e competências necessárias para aquele ano, eram aquelas que não tinham apoio familiar e que ela desconfiava terem alguma questão cognitiva para ser tratada, necessitando de avaliação neuropediátrica e psicopedagógica, mas as famílias foram relatadas e alertadas a respeito dessas questões e não se moveram para ir atrás do que a criança necessitava, deixando-as prejudicadas com o ensino.

Em março de 2022, foi enviada pela Secretaria Municipal de Educação - SME, uma avaliação diagnóstica para ser aplicada aos alunos, para avaliar o desempenho e o nível em que cada estudante se encontrava. A avaliação contou com onze questões de Língua Portuguesa, que abordava, respectivamente: 1) escrita do nome, 2) reconhecimento de letras do alfabeto, 3) espaço correto de escrita, 4) reconhecimento e pintura de animais, 5) palavras com começos e finais da mesma sílaba, 6) interpretação de texto, 7) conhecimento sobre um gênero textual, 8) significado de palavra, 9) quantidade de sílabas de palavras, 10) diminutivo e aumentativo de uma representação de imagem e 11) criação de uma história a partir da observação de uma imagem; que correspondem às seguintes habilidades para o Ensino Fundamental – anos iniciais, de acordo com a BNCC, respectivamente:

- 1) **(EF01LP02)** Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética usando letras/grafemas que representem fonemas.
- 2) **(EF01LP10)** Nomear as letras do alfabeto e recitá-lo na ordem das letras.
- 3) **(EF02LP07)** Escrever palavras, frases, textos curtos nas formas imprensa e cursiva. **(EF01LP01)** Reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página.
- 4) **(EF02LP03)** Ler e escrever palavras com correspondências regulares diretas entre letras e fonemas (f, v, t, d, p, b) e correspondências regulares contextuais

- 5) **(EF01LP13)** Comparar palavras, identificando semelhanças e diferenças entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais.
- 6) **(EF15LP01)** Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- 7) **(EF15LP01)** Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- (EF15LP18)** Relacionar texto com ilustrações e outros recursos gráficos.
- 8) **(EF02LP10)** Identificar sinônimos de palavras de texto lido, determinando a diferença de sentido entre eles, e formar antônimos de palavras encontradas em texto lido pelo acréscimo do prefixo de negação in-/im-.
- 9) **(EF03LP05)** Identificar o número de sílabas de palavras, classificando-as em monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas.
- 10) **(EF02LP11)** Formar o aumentativo e o diminutivo de palavras com os sufixos -ão e -inho/-zinho.
- (EF03LP03)** Ler e escrever corretamente palavras com os dígrafos lh, nh, ch.
- 11) **(EF01LP02)** Escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética – usando letras/grafemas que representem fonemas. (BRASIL, 2018, p. 95-117)

As crianças realizaram essa avaliação, contando com o auxílio da professora, fazendo a leitura de toda a avaliação, mas cada aluno marcando e escrevendo o que era necessário na sua avaliação, sem dar a resposta em voz alta. Em outro momento, a professora fez a correção das avaliações.

Imagem 1 – Avaliação Diagnóstica de Março/2022 (página 1).

1- ESCREVA SEU NOME COMPLETO NO LUGAR INDICADO COM UM X. (EF01LP02)

X	

2- COMPLETE O ALFABETO COM AS LETRAS QUE ESTÃO FALTANDO. (EF01LP10)

ALFABETO



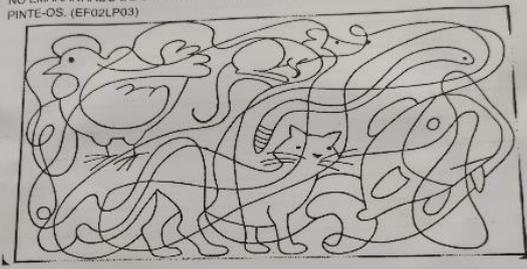
A- B- C- D- _ _ - G- _ - I- J- K- _ - M- N-
_ _ - Q- _ - S- T- _ - V- W- _ - Y- _

Fonte: Da autora (2022).

Imagem 2 – Avaliação Diagnóstica de Março/2022 (página 2).

3- ONDE COMEÇAMOS A ESCREVER NA FOLHA DE UM CADERNO? COPIE NO LUGAR CERTO A FRASE: HOJE EU VI UM RATO ENORME NA RUA. (EF02LP07) (EF01LP01)

4- NO EMARANHADO DE LINHAS ABAIXO, HÁ 5 DESENHOS DE ANIMAIS. ENCONTRE-OS E PINTE-OS. (EF02LP03)



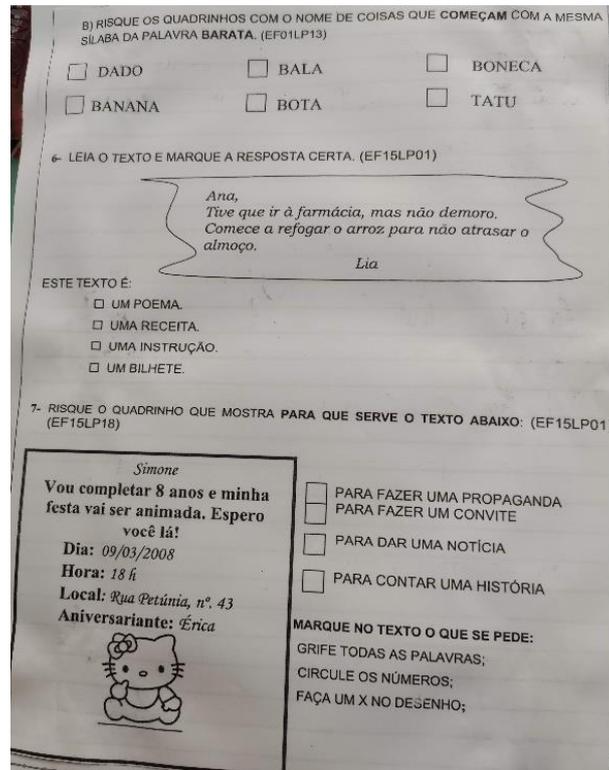
ESCREVA O NOME DOS ANIMAIS QUE VOCÊ ENCONTROU.

5- A) RISQUE OS QUADRINHOS COM O NOME DE COISAS QUE TERMINAM COM A MESMA SILABA DA PALAVRA RATO. (EF01LP13)

<input type="checkbox"/> MATO	<input type="checkbox"/> RALO	<input type="checkbox"/> BARALHO
<input type="checkbox"/> ROSTO	<input type="checkbox"/> BARATA	<input type="checkbox"/> GATO

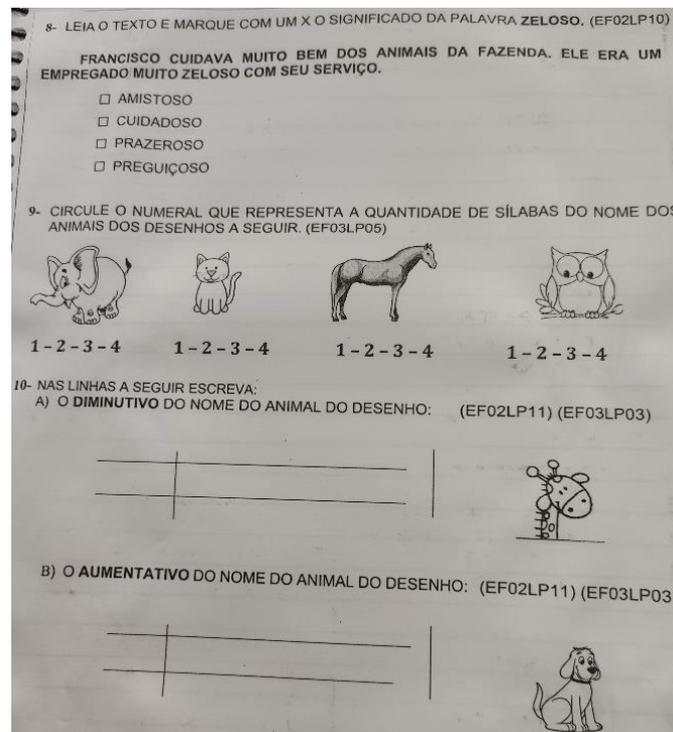
Fonte: Da autora (2022).

Imagem 3 – Avaliação Diagnóstica de Março/2022 (página 3).



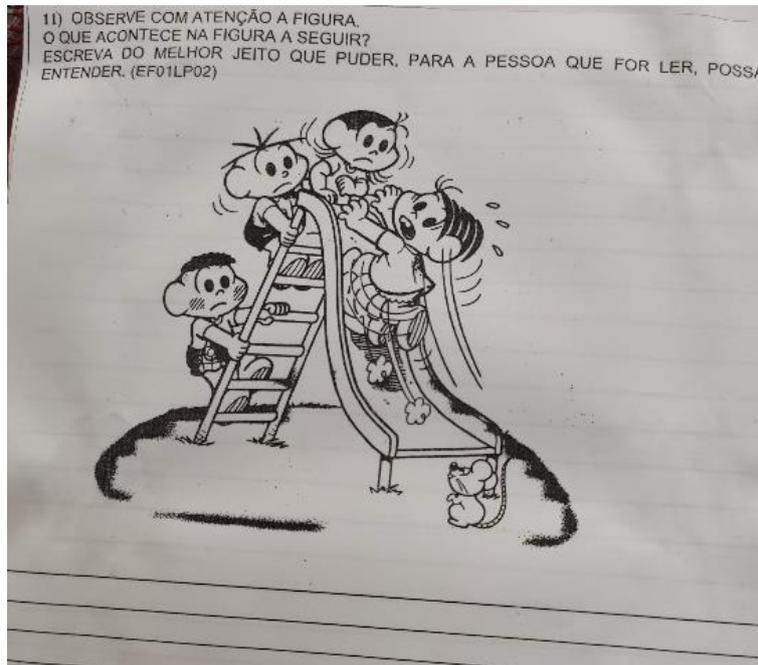
Fonte: Da autora (2022).

Imagem 4 – Avaliação Diagnóstica de Março/2022 (página 4).



Fonte: Da autora (2022).

Imagem 5 – Avaliação Diagnóstica de Março/2022 (página 5).



Fonte: Da autora (2022).

Após a correção, o próximo passo foi a professora Letícia fazer um mapeamento do resultado das avaliações para ser enviado para a SME. Esse mapeamento, de acordo com ela, foi feito de forma manuscrita por cada professora e entregue para a escola, que em seguida encaminhou para a SME. A partir deste mapeamento das professoras, alguém responsável lançou os dados obtidos em um sistema. De acordo com esse mapeamento realizado pela professora, dos vinte e três alunos da turma, quatro deles estavam ausentes no dia em que foi aplicada a avaliação. O mapeamento foi montado da seguinte forma: foi distribuído em colunas o número das questões, e abaixo, em cada linha, a quantidade de alternativas de cada questão e marcado se foi feita por cada aluno. Como por exemplo, o aluno da segunda linha, somente fez as questões de número 2, 3, parte da 5, 7, 8 e 9. Dois alunos responderam somente à duas questões dessa avaliação, e somente três alunos responderam à todas as questões.

Quadro 1 - Mapeamento da Avaliação Diagnóstica de Março/2022.

1	2	3	4				5	6	7	8	9				10	11	TOTAL
																AUSENTE	
	X	X					X		X	X	X	X	X	X		10	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	19	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	21	
																AUSENTE	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	19	
									X					X		02	
X	X		X	X	X	X	X			X	X	X	X	X	X	18	
		X								X						02	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	20	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	20	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X	X	19	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	21	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	20	
																AUSENTE	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X		X	X	19	
																AUSENTE	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	21	
X	X	X	X	X	X	X	X			X	X				X	14	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	19	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X		18	
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	20	
X	X	X	X	X	X	X				X	X	X	X	X	X	17	

Fonte: Da autora (2022).

Analisando o mapeamento acima dessa avaliação, percebemos que a questão menos respondida foi a número 6, de habilidade “(EF15LP01) Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.” (BRASIL, 2018, p. 95), onde quatorze crianças não responderam. Percebemos com isso, um problema na identificação de um gênero textual, onde na questão aparece um bilhete, que seria de fácil acesso e poderia fazer parte do dia-a-dia das crianças, mas não souberam fazer essa identificação e optaram por não respondê-la.

A partir dos dados obtidos nessa avaliação diagnóstica, a professora traçou um planejamento para voltar nos conteúdos que não haviam sido consolidados pelas crianças, e tendo por base que estamos voltando de uma pandemia, a professora relata que já sabiam que muitas habilidades e competências não estariam consolidadas e seria necessário a retomada. E assim foi feito ao longo dos meses.

Quando iniciei com a turma em julho, perto das férias, a professora me falou que alguns alunos tinham mais habilidade e já eram mais desenvolvidos com a escrita,

copiavam mais rápido e outros demoravam mais tempo. Dos alunos da turma, cinco ainda não estavam alfabetizados, dois eles ainda escreviam com letra bastão, um escrevia com letra cursiva, mas estava na fase da alfabetização sem valor sonoro, onde sabia que as letras representavam palavras, mas não conseguia assimilá-las, e duas somente copiavam, com letra cursiva, o que era passado no quadro, mas na maioria das vezes ficavam para trás e acabam perdendo o conteúdo. A professora passava atividades de segunda a quinta para as crianças fazerem em casa. Não era muita coisa, era mais para treinarem algum conteúdo além da sala de aula. Dessas atividades, foram incluídas contas matemáticas, cópia das tabuadas, de textos, interpretação e atividades do livro didático ou apostila. Quando era passado um conteúdo no quadro, os alunos sempre ficavam perguntando se faltava muito, pois não gostavam de copiar. A professora sempre falava para eles sobre a prática, que era o que precisavam naquela fase em que estavam.

Desde meu primeiro dia com a turma, a professora me deixou fazer parte da rotina deles, ajudando em alguma atividade, passando algum conteúdo no quadro ou olhando cadernos. Assim pude observar na prática o desenvolvimento dos alunos. O que me chamou muito a atenção observando as práticas da professora regente, é que ela preza pela sensibilidade e carinho com os alunos, até quando ela precisava chamar a atenção por algum motivo, falava de uma forma que não colocaria medo ou terror na turma, mas de uma forma que eles pudessem entender a situação e ainda assim respeitá-la. A professora de apoio comentou em algum momento, que era a turma que mais respeitava a professora, e não precisava de gritos e falta de educação para isso.

Foram disponibilizados livros didáticos para as turmas – apenas para “desocupar” o espaço em que estavam guardados, pois não foram utilizados -, havia as apostilas das matérias, para serem trabalhados os conteúdos necessários durante o semestre letivo. Elas foram entregues em julho, perto das férias. A professora comentou que quando elas chegaram, ela levou para casa para olhar os conteúdos e se organizar em relação às apostilas. Etiquetou em sala as apostilas e entregou para os alunos. É uma apostila com todas as disciplinas, e a da professora é uma para cada disciplina, contendo explicações de algumas atividades, as habilidades abordadas e as respostas de questões.

Em agosto de 2022 foi repetida a avaliação diagnóstica para observar o desenvolvimento e evolução dos alunos no primeiro semestre letivo. A avaliação contou com dez questões de Língua Portuguesa, que abordava, respectivamente: interpretação de texto, interpretação de imagem, objetivos de uma receita, classificação de sílabas,

pontuação, identificação de palavras em um texto, interpretação de figura, sinônimo de palavra, interpretação de quadrinho e identificação de autor; que correspondem às seguintes habilidades para o Ensino Fundamental – anos iniciais, de acordo com a BNCC, respectivamente:

- 1) **(EF15LP03)** Localizar informações explícitas em textos.
- 2) **(EF15LP01)** Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam.
- 3) **(EF03LP11)** Ler e compreender, com autonomia, textos injuntivos instrucionais (receitas, instruções de montagem etc.), com a estrutura própria desses textos (verbos imperativos, indicação de passos a ser seguidos) e mesclando palavras, imagens e recursos gráficovisuais, considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.
- 4) **(EF03LP05)** Identificar o número de sílabas de palavras, classificando-as em monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas.
- 5) **(EF03LP07)** Identificar a função na leitura e usar na escrita ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação e, em diálogos (discurso direto), dois-pontos e travessão.
- 6) **(EF35LP27)** Ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros.
- 7) **(EF15LP14)** Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de balões, de letras, onomatopeias).
- 8) **(EF35LP05)** Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.
- 9) **(EF35LP03)** Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
- 10) **(EF15LP01)** Identificar a função social de textos que circulam em campos da vida social dos quais participa cotidianamente (a casa, a rua, a comunidade, a escola) e nas mídias impressa, de massa e digital, reconhecendo para que foram produzidos, onde circulam, quem os produziu e a quem se destinam. (BRASIL, 2018, p. 95-133).

As crianças realizaram essa avaliação também com o auxílio da professora, fazendo a leitura de toda a avaliação, mas cada aluno marcando e escrevendo o que era necessário na sua avaliação.

Imagem 6 – Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022 (página 1).

QUESTÃO 1 - EF15LP03

Leia o texto e assinale a alternativa correta:

SEMPRE ALERTAS

Os pesquisadores ainda não sabem dizer ao certo como é o sono dos golfinhos. Alguns acham que eles nunca dormem totalmente. Talvez uma parte de seu cérebro fique funcionando, enquanto outra descansa. É possível também que eles não durmam várias horas seguidas. Apenas tiram pequenos cochilos, principalmente à noite.

Há ainda outra ideia: como vivem em bando, poderiam revezar no descanso. Enquanto alguns dormem, outros vigiam no lugar. Isso tudo para não dar chance de os inimigos atacarem.

Fonte: Revista Recreio

Segundo o texto, podemos dizer que:

- a) () Os pesquisadores já descobriram tudo sobre o sono dos golfinhos.
- b) (X) Os pesquisadores ainda não sabem dizer ao certo como é o sono dos golfinhos.
- c) () As pesquisas sobre o sono dos golfinhos foram iniciadas recentemente.
- d) () Já concluíram todas as pesquisas sobre os golfinhos.

QUESTÃO 2 - EF15LP01

Observe o texto abaixo e assinale a opção correta:

ECONOMIZE ÁGUA.
CADA GOTINHA É MUITO
IMPORTANTE PARA PRESERVAR
NUESTRO PLANETA!



Transbrasiliana

Esse texto serve para:

- a) () anunciar um produto.
- b) (X) divulgar uma campanha.
- c) () ensinar uma receita.
- d) () orientar um doente.

Acesso em: <http://img1.meliv54j> Acesso em: 17 jul 2013

Fonte: Da autora (2022).

Imagem 7 – Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022 (página 2).

QUESTÃO 3 - EF03LP11:

Leia o texto abaixo:

Bolo de Mandioca

Ingredientes:
2 xícaras de mandioca ralada;
2 xícaras de açúcar;
2 xícaras de coco ralado;
2 colheres de sopa de manteiga;
1 colher de sopa de fermento em pó;
4 ovos.



Modo de Preparo:
Bata o açúcar com os ovos e a manteiga. Acrescente a mandioca e o coco ralado. Misture bem e coloque em um tabuleiro médio. Leve ao forno por 20 minutos numa temperatura de 180°.

Disponível em: <https://receitas.com.br/ingredientes/bolos/receita-de-bolo-de-mandioca-com-leite-condensado-e-coco-1783> Acesso em 02 de jul de 2020.

De acordo com o texto "Bolo de Mandioca", além dos ingredientes, as receitas apresentam duas partes importantes que são:

a) () introdução e conclusão.
b) (X) ingredientes e modo de fazer.
c) () título e modo de fazer.
d) () meio e fim.

QUESTÃO 4 – EF03LP05



A palavra CORONAVÍRUS da imagem ao lado pode ser classificada quanto ao número de sílabas como:

a) () trissílaba.
b) (X) polissílaba.
c) () monossílaba.
d) () dissílaba.

Fonte: Da autora (2022).

Imagem 8 – Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022 (página 3).

QUESTÃO 5 – EF03LP07

Leia a tirinha e responda:



Observe que no segundo quadrinho, na fala do Cascão, está faltando a pontuação no final. Que pontuação abaixo se adequa ao contexto do balão?

a) () vírgula.
b) () ponto de interrogação.
c) () reticências.
d) (X) ponto de exclamação.

Questão 6 – EF35LP27

Leia com atenção!

Ana e o pernilongo
(José Paulo Paes)

Toda semana
eu me lembro de Ana.
Para mim não há semANA
sem Ana.

Havia um pernilongo
chamado Lino
que tocava violINO.
Mas era tão pequenino
o Lino
e tocava tão fino
o seu violino,
que nunca ouvi o Lino
nem VI O LINO.

No texto, o autor brinca com algumas palavras. Descubra quais são elas e assinale a alternativa correta:

a) () Ana - semana, Lino - pernilongo
b) (X) Ana - semana, Lino - violino
c) () Ana - pernilongo, pequenino - semana
d) () Ana - semana, Lino - violão

Fonte: Da autora (2022).

Imagem 9 – Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022 (página 4).

QUESTÃO 7 – EF15LP14
Observe a tirinha e responda à questão:



SOUZA, Maurício, Turma da Mônica. (P090095AB_SUP)

No terceiro quadrinho, as estrelinhas indicam que depois de ter sido atingido pelos pés da Mônica, Cebolinha estava:

- a) () mal humor
- b) () frustrado
- c) (X) sentindo dor
- d) () arrependido

QUESTÃO 8 - EF35LP05
Leia o texto e responda:

A Cuca é um dos principais seres mitológicos do folclore brasileiro. Ela é conhecida popularmente como a velha feia na forma de jacaré que rouba as crianças desobedientes.

Dia a lenda, que a Cuca rouba as crianças que desobedecem a seus pais. A cuca dorme uma noite a cada 7 anos, e quando fica brava dá um berro que é ouvido à 10 léguas de distância.



No texto, a palavra desobediente é o mesmo que:

- a) (X) Teimoso.
- b) () Bagunceiro.
- c) () Inteligente.
- d) () Amedrontado.

Fonte: Da autora (2022).

Imagem 10 – Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022 (página 5).

QUESTÃO 9 – EF35LP03

Leia a tirinha com atenção e responda:



Copyright 1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados

O que levou o Cebolinha a não atender o pedido da Mônica:

- a) Cebolinha gostaria de receber o beijo da amiga.
- b) Ele gosta de receber coelhadas.
- c) O menino faz tudo que a Mônica pede.
- d) Cebolinha não quer ser beijado.

QUESTÃO 10 – EF15LP01

O autor da tirinha da questão acima é:

- a) Ziraldo
- b) Monteiro Lobato
- c) Mauricio de Sousa
- d) Pedro Bandeira

Fonte: Da autora (2022).

Após a correção dessa avaliação, a professora Letícia também precisou fazer um mapeamento do resultado das avaliações, só que diferente da forma feita em março, agora a professora lançou os resultados direto no sistema. Essa mudança ocorreu, acredita a professora, foi pela grande demanda da primeira avaliação, pois alguém ficou responsável de lançar os dados de avaliações de várias turmas, então mudaram para que cada professora pudesse fazer o lançamento dos resultados da própria turma. De acordo com esse mapeamento realizado pela professora, dessa vez somente um aluno estava ausente no dia em que foi aplicada a avaliação. O mapeamento foi montado de uma forma diferente: foi distribuído em colunas o número das questões, e abaixo, em cada linha, a alternativa marcada por cada aluno nas questões, pois essa avaliação foi toda de múltipla escolha. Somente três alunos deixaram de responder uma questão cada um deles, e os outros 19 responderam à todas as questões.

Quadro 2 - Mapeamento da Avaliação Diagnóstica de Agosto/2022.

Aluno Faltou?	Aluno Dispensado da Prova?	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Sim	Não										
Não	Não	A	D	A		D	D	A	A	B	D
Não	Não	A	B	A	C	A	D	B	C	D	B
Não	Não	B	B	C	B	B	B	D	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	D	C	D	A	D	C
Não	Não	B	C	B	B	D	B	A	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	B	C	C	A	D	C
Não	Não	A	B	B	C	D	D	D	C	A	C
Não	Não	A	B	B	B	D	B	C	A	D	C
Não	Não	A	C	B	A	A	B	D	A	A	B
Não	Não	B	A	B	B	A	D	D	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	B	A	D	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	B		A	A	D	B
Não	Não	B	B	B	B	D	B	D	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	D	B	C	A	D	C
Não	Não	B	A	B	D	A	B	C	A	D	C
Não	Não	B	B	B	D	C	B	D	A	D	B
Não	Não	A	D	B	D	A	B	D	B	D	D
Não	Não	B	B	B	B	D	B	C	A	D	C
Não	Não	B	A	B	B	A	B	A	A	D	C
Não	Não	B	B	B	B	D	B	C	A	D	C
Não	Não	B	B		B	D	D	C	A	D	C
Não	Não	B	B	C	C	D	B	D	A	D	C

Fonte: Da autora (2022).

Como foi uma avaliação de múltipla escolha, as respostas corretas das questões foram as seguintes: 1) B, 2) B, 3) B, 4) B, 5) D, 6) B, 7) C, 8) A, 9) D, 10) C. Analisando esse mapeamento da avaliação, vemos que as questões em que os alunos mais acertaram, foram a de número 8, de habilidade "(EF35LP05) Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto." (BRASIL, 2018, p. 113), e de número 9, de habilidade "(EF35LP03) Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global." (BRASIL, 2018, p. 113), onde dezenove crianças marcaram a opção correta. E a questão em que menos acertaram foi a de número 7, de habilidade "(EF15LP14) Construir o sentido de histórias em quadrinhos e tirinhas, relacionando imagens e palavras e interpretando recursos gráficos (tipos de

balões, de letras, onomatopeias).” (BRASIL, 2018, p. 97), onde somente quinze crianças responderam incorretamente essa questão. Percebe-se assim, que as crianças consolidaram as questões de identificar palavras com o mesmo sentido e interpretação de falas em quadrinhos, mas ainda precisa ser mais trabalhado a identificação de figuras.

Após ver e analisar os resultados da segunda avaliação diagnóstica, a professora percebeu que as crianças conseguiram captar as informações passadas nas aulas, com algumas exceções, mas que conseguiram a aquisição das aprendizagens necessárias para a série na qual elas estavam. Ela relatou ter ficado muito feliz com a parte de Língua Portuguesa, pois no início do ano ela fez um teste de leitura e escrita com a turma e foi comparando durante o percurso, e percebeu que a grande maioria se encontrou alfabetizada, produzindo seus textos e lendo, em graus diferentes de leitura, o que tem a ver com o estímulo e dedicação da criança e apoio da família. Uma coisa importante que eu sempre via ela falando para a turma, era sobre o treino, que não conseguimos aperfeiçoar e ficar bons em algo sem treinar, e que era assim com a leitura e escrita também, que era necessário que eles praticassem tanto na escola como em casa.

Comparando a forma como foi coletado os dados e disposto o resultado das duas avaliações diagnósticas, a professora acredita que foi uma tentativa de acerto e erro, pois na primeira avaliação, quem ficou responsável por passar os dados para o sistema não imaginava o trabalho que teria para fazê-lo, então a partir das prováveis dificuldades encontradas neste sentido, foi pensado em uma forma melhor para a captação de informações, pois as professoras mesmo entregando os resultados digitados, o próprio sistema faz a análise automática. A professora acredita que melhoraram o sistema de captação das informações, lançando mãos de recursos tecnológicos que estão a nosso favor, para facilitar e desenvolver ainda mais o trabalho. Mas ela conta que também viu falha, pois quando lançou os resultados na segunda avaliação, um aluno havia acertado todas as questões e o sistema considerou nove acertos. Aconteceu com mais alunos. Ela percebeu que alguém cadastrou a respostas de uma questão errada no sistema, por isso estava aparecendo erro para os alunos e estava prejudicando-os. A partir disso, a professora conversou com o supervisor para apresentar a falha, mas nada foi feito a respeito.

Eu vi como um problema toda essa mudança, pois no mapeamento da primeira avaliação, além dos dados terem sido entregues de forma manuscrita, a disposição dos dados foi de forma que marcaram as questões que os alunos haviam respondido, sem

respostas certas ou erradas, somente se haviam feito, e no segundo mapeamento, os dados foram colocados direto no próprio sistema e dispostos os resultados de forma com que mostrasse a alternativa marcada por cada aluno. Essa mudança dificulta a análise final dos dados, pois não mantiveram um padrão para a disposição dos dados. Mas concordo com a professora que possa ter sido uma tentativa de acerto e erro, pois os outros anos o formato estava acontecendo totalmente diferente, pois era de forma remota.

De acordo com a professora regente, o que mais impacta na vida escolar da criança, é a participação e incentivo das famílias, pois a escola sozinha não consegue fazer todo o trabalho necessário. Só que a maioria das famílias, não dão o suporte desejável para a instituição e para as crianças, assim como já citado anteriormente. O que ela pode fazer como profissional é reter essas crianças para que elas tenham uma nova oportunidade no ano seguinte para consolidarem as habilidades necessárias daquele ano. Ela ainda cita que fatores como a maturidade da criança também interfere na aprendizagem, mas ela acredita que precisam de ajuda em outros aspectos além do educacional, pois acredita serem questões cognitivas e fisiológicas.

Depois de terminar o estágio supervisionado com a turma, eu optei por continuar com eles, de forma voluntária e para fazer esta pesquisa. Como falei em outro momento, a professora gostou muito, pois seria uma ajuda a mais para ela com as atividades a serem realizadas com a turma. Para mim também foi um grande aprendizado. No final do mês de agosto, perguntei para a professora se eu poderia realizar um ditado com as crianças, de forma individual para ver a fase de alfabetização em que se encontravam, ela concordou e disse que seria ótimo para as crianças ter esse momento individual, que eles se sentiriam bem com isso. Aconselhou iniciar apresentando o alfabeto e perguntando as letras de forma aleatória e, em seguida, fazer o ditado de algumas palavras mais simples ou um pequeno texto. Peguei emprestado um alfabeto móvel e levei folhas para o ditado. Fui para uma sala vazia que havia na escola e ia chamando os alunos um a um.

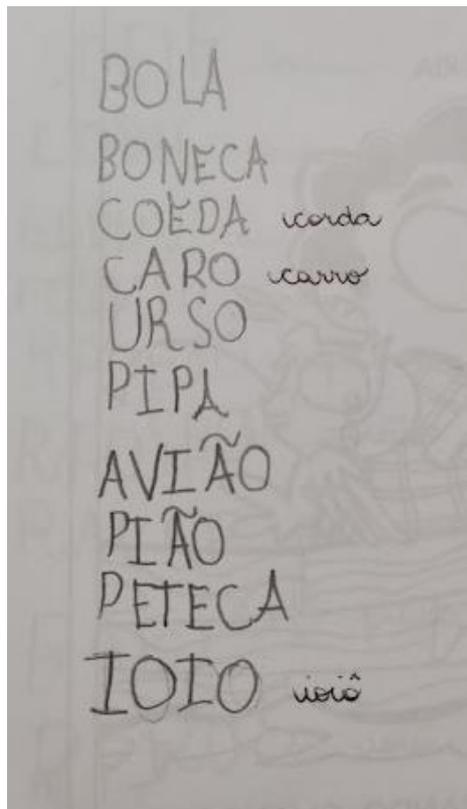
Imagem 11 – Alfabeto móvel.



Fonte: Da autora (2022).

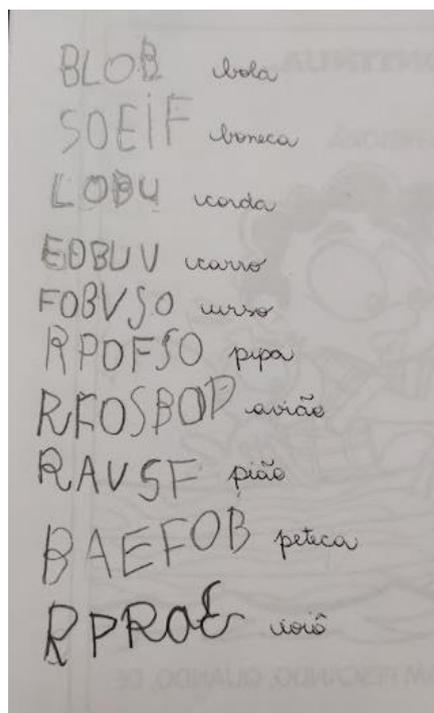
Como sugerido pela professora, eu perguntei as letras de forma aleatória para cada criança, por exemplo, “Qual é a letra P?”, “Qual é a letra D?”, e ela apontava no alfabeto. Em seguida, avisei que iria ditar dez brinquedos para escreverem na folha. Ditei as seguintes palavras para a escrita: bola, boneca, corda, carro, urso, pipa, avião, pião, peteca e ioiô. À medida que ia fazendo essa atividade com elas, eu ia anotando o que percebia de cada uma. A maioria das crianças reconheceram as letras do alfabeto com facilidade e escreveram corretamente as palavras que ditei, as vezes somente trocavam alguma letra. Alguns alunos, que já eram os que a professora havia percebido o atraso em relação à turma, ficavam com dúvidas na hora de reconhecer as letras, não reconheciam ou reconheciam, mas não associava o som na hora da escrita. Abaixo disponibilizarei quatro imagens dos ditados para a observação das escritas.

Imagem 12 - Ditado do aluno A.



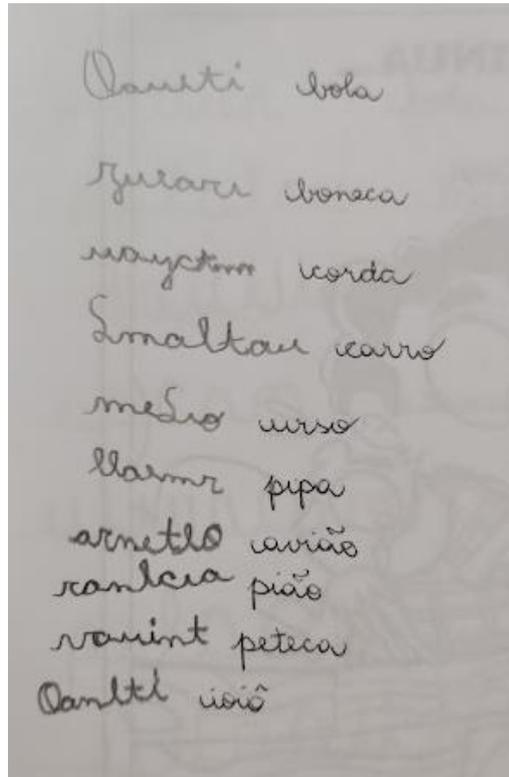
Fonte: Da autora (2022).

Imagem 13 - Ditado do aluno B.



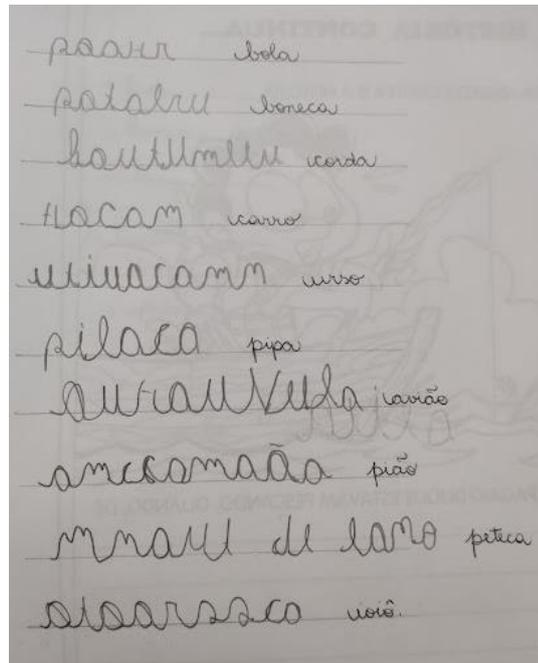
Fonte: Da autora (2022).

Imagem 14 - Ditado do aluno C.



Fonte: Da autora (2022).

Imagem 15 - Ditado do aluno D.



Fonte: Da autora (2022).

Essas quatro crianças são as que já estão ao olhar da professora desde o início do ano. Pois por mais que a turma se encontrasse em uma situação difícil em relação à alfabetização, era perceptível a defasagem por conta da pandemia ou falta de auxílio das famílias. Mas essas crianças, a professora acreditava ser algo a mais do que isso. O aluno A foi o que mais evoluiu. A maior dificuldade dele era com a letra, pois ele ainda não conseguia fazer letra cursiva, não conseguindo acompanhar as atividades da turma e desanimando por conta disso. Mas ele era esperto e tentava, conseguia realizar as demais atividades. As outras crianças foram as que eu citei acima, em que a professora desconfiava haver questões cognitivas e fisiológicas. Com essa atividade pude ver de forma individual cada criança e ver como já haviam evoluído e como melhoravam com o passar dos meses.

A SME tem um Projeto de Leitura que envia todo ano para as escolas para trabalharem com as turmas, que geralmente, de acordo com a professora, acontece uma grande exposição na praça central da cidade, aberta ao público, onde as professoras e alunos vão caracterizados e prontos para apresentarem a conclusão desse projeto. Esse projeto foi intitulado “Ler e Reler”, e teve como pretensão, contribuir para a formação de alunos, leitores críticos e participativos, capazes de interagirem em sua realidade na condição de cidadãos conscientes. A proposta de envolver os alunos no mundo da leitura de uma forma mais prazerosa exigiu muito esforço e empenho de todos eles.

Na atualidade, infelizmente o hábito de ler tem sido deixado de lado. Aspectos tecnológicos e a falta de incentivo em diversas situações fazem com que as pessoas hoje tenham pouco ou nenhum interesse pela leitura. E, a consequência disso tudo é sentida na escola através de um vocabulário precário, erros ortográficos, dificuldade de compreensão, conhecimentos restritos, dentre outros. Por isso, o Projeto “Ler e Reler” teve por intenção proporcionar aos educandos condições para interagirem com o mundo das letras, e que através daí, descobrissem o prazer e a emoção na leitura. O hábito de leitura favorece outros aspectos da educação. Sem ler é quase impossível pesquisar, resumir, analisar, criticar e posicionar-se. A leitura é um processo em que o aluno realiza a construção e a compreensão do significado do texto. A leitura fluente envolve a seleção, antecipação, inferência e verificação, sendo o uso dessas estratégias que permite controlar e compreender o que se está lendo. Um leitor competente seleciona as informações que melhor atendem às suas necessidades. Portanto, formar um leitor fluente é formar alguém que interprete, compreenda, identifique informações implícitas e explícitas, e que possa

estabelecer relações entre os textos lidos. Para formar um leitor competente, é necessário colocá-lo em constante leitura. Por tudo isso, o trabalho com leitura tem a intenção de formar leitores competentes e conseqüentemente bons escritores, pois, a produção de textos tem melhores resultados com a prática da leitura, onde é estimulado a imaginação e o auxílio ao aluno no momento de escrever e como escrever.

A implementação desse projeto aconteceu para favorecer significativamente o processo de ensino-aprendizagem, visto que foi proposto a leitura, reconto, construção de um texto coletivo e reescrita do mesmo. Assim como as apostilas, o material desse projeto também chegou na escola e foram entregues para as turmas no mês de julho, mas como já estava perto das férias, a professora Letícia optou por iniciá-lo somente em agosto, quando retornassem.

Esse projeto acontece da seguinte forma: foi enviado para cada turma, pastas contendo oito livros de histórias diferentes, com seis ou sete exemplares de cada um. A partir desses livros, aconteceria as atividades. A princípio, o que foi solicitado, era que os alunos levassem os livros para casa, partilhassem com a família as histórias, ficassem com eles durante uma semana para fazerem a leitura, o reconto da história (do jeito de cada um) e um desenho da parte em que mais gostassem. E isso aconteceria com todos os livros, cada vez o aluno levaria um para a casa. Foi disponibilizada uma pasta para cada aluno, para que guardassem o livro e as folhas das atividades, para evitar perder, amassar, sujar ou outro eventual com o material. Esse projeto aconteceria até o final do mês de outubro, e se encerraria com a exposição na escola do trabalho desenvolvido, com materiais palpáveis como foi solicitado, em um sábado letivo. Então, a professora teria um prazo de dois meses para trabalhar oito livros.

A partir dessa primeira tentativa para a realização das atividades a professora percebeu que a dinâmica não tinha dado certo, pois no dia de levarem os livros e as atividades para a sala, os alunos esqueciam a pasta em casa, amassavam as folhas dos livros, sujavam ou rasgavam, perdiam as folhas das atividades ou não faziam mesmo o que era pedido, então ela percebeu que precisava mudar a forma como seria trabalhado. Em uma nova tentativa, a professora propôs aos alunos que ao invés de levarem para a casa, fariam as atividades necessárias em sala, de forma coletiva, ela reservaria alguns horários para isso. Eu, ela ou a professora apoio fazia a leitura da história de um dos livros para a turma toda, e fazia a proposta da reescrita individual. Mas ela percebeu que também não funcionou, pois a grande maioria das crianças, não estavam ainda alfabetizadas e não

conseguiam fazer o reconto da história, não sabiam escrever sozinhos, além do tempo que gastava, pois passava a manhã toda nessa atividade e não dava para terminar, porque além do reconto tinha o desenho para ser feito.

E novamente precisou mudar a forma para trabalhar o projeto. A professora optou por uma escrita coletiva, onde uma de nós fazia a leitura de um livro, em seguida deixava as crianças comentar as percepções que haviam tido e depois a escrita de uma história de forma coletiva, mantendo o desenho individual. Ainda com essa estratégia da escrita coletiva, algumas crianças ficaram com o portfólio final incompleto, pois no dia em que acontecia as atividades, a criança faltava e não tinha tempo para repetir para elas, além das que não conseguiam acompanhar a escrita do quadro, perdiam partes e não completava as histórias.

Outro ponto que a professora abordou sobre o projeto é que ela gostaria que todas as reescritas das crianças tivessem sido corrigidas e reescritas novamente, pois esse é o objetivo da escrita: escrever, perceber os erros, mostrar para as crianças para que elas tivessem um retorno do que haviam feito e fazer a correção. Começamos a fazer essa correção, mas a professora percebeu que seria inviável pelo tempo, afinal, era oito textos de vinte e três crianças. Não conseguiríamos fazer todas as correções necessárias e ainda as crianças fazerem a reescrita. A professora decidiu digitar os recontos coletivos e colocar nos portfólios, para que tivesse a história de todos os livros e as famílias conseguissem ler também, pois algumas crianças não escreviam a história toda ou nem escreviam, como já citado.

Sobre os livros, a professora percebeu que foram escolhidos de forma aleatória, sem nenhum propósito e objetivo específicos. Poderia ter sido uma quantidade menor de livros ou uma seleção de autores mais conhecidos e com aprendizagens mais significativas para um melhor aproveitamento. As histórias dos livros eram desconexas, não tinham um fundamento e nem uma ligação entre eles, e ao final da leitura, as crianças se debruçavam sobre partes do livro que eram pertinentes para elas, assuntos esses, que acabava virando uma aula e uma discussão grande, que era necessário a mediação da professora com eles e o debate sobre o assunto, mas que não acrescentaria ao projeto. Isso precisou ser feito porque a professora acredita que ao lermos, temos que ter criticidade no que se lê, que foi o que aconteceu muitas vezes sobre as histórias dos livros. Ela aborda que os livros deveriam ter chegado para a escola no começo do ano, pois teriam mais

tempo para trabalhar cada um, com qualidade e sentido, facilitando também nas correções e reescritas.

Na percepção da professora, um projeto de leitura precisaria fazer uma sondagem com as professoras de obras que elas gostariam de trabalhar com as turmas, quais os objetivos teriam, e a partir desses pontos, adquirirem obras com antecedência, talvez criando um cronograma de livros para serem trabalhados a cada mês, para no fim chegar à culminância de forma satisfatória. O projeto de leitura demandou muito tempo de aula, que poderia ter sido utilizado para desenvolver outras habilidades que a professora julgava mais importantes e urgentes em relação às crianças. E como é um projeto que precisava ser exposto ao final, era preciso produzir, mesmo com pouco tempo e não trabalhando de forma integral e satisfatória. Além dos materiais que deveriam ter sido oferecidos para as professoras, para a confecção dos materiais palpáveis que foram solicitados, pois tiraram do próprio bolso para apresentarem projetos bem feitos para a comunidade.

A partir dos estudos realizados e percepções obtidas, em conjunto com a professora Letícia, consideramos que esse projeto de leitura não é bem estruturado e nem bem trabalhado com as crianças. Como já citado, os livros não tinham fundamentos, não eram histórias que prendiam as crianças e davam prazer na leitura, como é objetivo ao instigar a leitura. Vi um projeto que foi dado para as professoras pensando somente no resultado, que seria a exposição das turmas. Se o projeto fosse traçado, planejado e pensado por mais tempo, seria bem mais aproveitado pelas crianças e o resultado seria ainda melhor. O que aconteceu, relatado pela professora, foi uma sobrecarga de trabalho para elas, pois além de ter que cumprir com a demanda necessária para o ano letivo, ainda precisavam desenvolver o projeto de leitura para produzir um material. As famílias também não participaram do projeto, que era um dos objetivos, pois não funcionou levarem para casa para a produção. Vi como uma grande oportunidade para as crianças, mas que pecaram na hora do planejamento, não atingindo realmente os objetivos propostos.

Em uma das últimas semanas de aula do ano letivo, a professora regente disse ter organizado o armário e devolvido cadernos, algumas atividades e materiais para a turma que estavam guardados. Encontrou um ditado feito no mês de fevereiro, entregou para os alunos e pediu que cada um fizesse uma análise de autoavaliação para ver se tinham melhorado, o que precisava melhorar e se a criança achava que tinha condições de ir para

o 4º ano. Explicou que alguns não iriam e teriam a oportunidade de aprenderem novamente o que não conseguiram. E para a surpresa dela, as crianças fizeram a mesma leitura que ela havia feito sobre eles, alguns – mesmo não sabendo que seriam retidos – concordaram que não tinham condições de irem para o ano escolar seguinte, alguns falaram que precisavam se dedicar e se empenhar mais, alguns falaram que precisavam melhorar a leitura e que iriam praticar nas férias, outros que precisavam melhorar nas letras e na tabuada. A dinâmica foi muito boa, pois é quando paramos para pensar nas nossas práticas e analisar o que é necessário ser feito, é que tomamos um choque de realidade, assim aconteceu com as crianças também. Analisando uma atividade feita por elas mesmo, conseguiram identificar onde precisam melhorar e realmente passam a se dedicar a isso.

Sobre as questões de reter alunos, pode acontecer com dez por cento da turma, ou seja, uma turma de vinte e três alunos, somente poderia ser retidos dois alunos. Nessa turma em que acompanhei, quatro alunos não se desenvolveram como a professora gostaria e deveria ser para aquele ano, então ela tomou a decisão de que precisaria retê-los. Para isso, foi apresentada a situação de cada um para o supervisor e chegaram à conclusão de que iriam convidar as famílias na escola para uma conversa, e que se eles concordassem, deixariam todos retidos. As famílias concordaram e viram aquela situação como uma outra oportunidade para a criança, assim como a professora sempre falou para eles e para as famílias. Uma dessas alunas que ficaria retida, a família se ausentou da escola por todo o ano letivo. Foram convocados por diversas vezes e não apareciam em nenhuma delas, nem para essa última reunião. É uma situação que a professora diz incomodar ela, pois além da aluna apresentar as dificuldades na aprendizagem, não tinha o tão importante e necessário apoio da família. E como professora, ela fez tudo o que pôde, há limites que precisam ser delimitados e não dependem somente da escola. Ainda sobre as retenções, a professora vê como um número alto, pois vinte por cento da turma não acompanhou. Mas como já citado anteriormente, são crianças que necessitam de ajuda específica, que foram relatadas às famílias e cabia a elas trabalhar em conjunto para sanar a defasagem que ali se encontrava.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se refletir sobre os impactos causados pelo ensino não presencial realizado durante a pandemia da COVID-19 na alfabetização de estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública localizada no campo das vertentes em Minas Gerais. O maior impacto observado foi a defasagem na alfabetização de crianças. Com o retorno das aulas presenciais, após dois anos em ensino remoto, percebe-se o quanto a aprendizagem foi afetada e até as crianças que já estavam mais avançadas, regrediram de alguma forma.

Em decorrência da pandemia da COVID-19, que teve o seu início no ano de 2020 – atualmente ainda sem término, mas a situação amenizada e mais controlada pelas vacinas -, com isolamento e toda a adaptação que tivemos que fazer, nos afetou em diversas áreas da vida, pelo mundo todo. E como discutido ao longo desta pesquisa, a área da educação sofreu um grande impacto, com índices de evasão escolar e muita defasagem na aprendizagem.

Sob o mesmo ponto de vista, as crianças além de terem ficado dois anos afastadas da instituição, a grande maioria não pôde contar com um apoio adequado em casa, por diversos motivos como foi evidenciado, pois as famílias não conseguiram dar o suporte que era necessário. Desta forma, percebemos o quanto isso foi prejudicial no processo de aprendizagem, ficando difícil o retorno tanto para as crianças quanto para as professoras e demais colaboradores das instituições.

Ademais, pensando nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, sabemos o quanto a alfabetização e o letramento são importantes nessa etapa, sabe-se que são indissociáveis. Assim como relatado pelas professoras entrevistadas e pela professora da vivência da turma de 3º ano, as crianças já chegam na escola com os saberes do dia-a-dia, da convivência em sociedade e da construção que vão fazendo ao longo da vida, mas o processo de alfabetização que se dá na escola, com o retorno após dois anos de ERE, se tornou um grande desafio.

Dessa forma, percebeu-se que as dificuldades foram grandes para todos, mas é impactante saber e ver o quanto as crianças tiveram prejuízos no processo de escolarização, muitas em retrocesso ao já conquistado. Diante disso, é necessário pensar em maneiras eficazes para trabalhar com o atraso causado pelos anos longe da escola, pois o processo é importante e é a base para todos os anos seguintes da escolarização.

Espera-se que esta pesquisa auxilie nos estudos acerca da alfabetização na pandemia e lance luz no trabalho de professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. Conceituando Alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. **Alfabetização e letramento: conceitos e relações**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CP nº 9/2020. PARECER HOMOLOGADO PARCIALMENTE** Cf. Despacho do Ministro, publicado no D.O.U. de 1º/6/2020, Seção 1, Pág. 32. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192.
- FRAGA, J. A. G. Políticas públicas de alfabetização: a busca pela erradicação do analfabetismo no Brasil e as concepções de aprendizagem. doi.org/10.29327/217514.7.1-24. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, 7(1), 24, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/453/259>.
- Instituto Alicerce. As principais consequências da pandemia na educação. 2022. Disponível em: https://blog.institutoalicercedu.org.br/universo-instituto-alicerce/cenario-educacional/as-principais-consequencias-da-pandemia-na-educacao/?gclid=Cj0KCQjwpcOTBhCZARIsAEAYLuXfKro6cV6bSNwZGDcaVDhQEeX430tHcFKhIUx_wGEqHreFyEWs0OMaArmDEALw_wcB
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>.
- PESSOA, Ana Cláudia Gonçalves. Sequência didática. GLOSSÁRIO Ceale. [s/d]. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/sequencia-didatica>.
- PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. Revista Poíeses, v. 3, n. 3 e 4, pp. 5-24, 2005/2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/10542>.
- SANTOS, T.C. Alfabetizar Letrando. REBES – Revista Brasileira de Educação e Saúde. Pombal – PB, v. 4, n. 1 p. 07- 11, jan/mar., 2014
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

APÊNDICES E ANEXOS

ANEXO A – Roteiro das entrevistas

Professora da rede particular de ensino:

- Qual é um momento difícil encontrado no momento de alfabetizar uma criança?
- Sobre a primeira etapa da alfabetização, por que você diz ser um encantamento da criança?
- Quais são as dificuldades em alfabetizar as crianças?
- Como funciona o trabalho com apostilas na escola?
- Durante suas experiências em sua carreira como professora, já se deparou alguma vez com alunos que portam TDAH? Houve dificuldades durante o processo de alfabetização?
- Se sim, quais foram elas?
- Como acontece a apresentação/primeiro contato das letras para as crianças?

Professora de uma Escola Waldorf:

- Você tem uma metodologia global para ser trabalhada com as crianças?
- Como acontece a apresentação dos movimentos de escrita para as crianças?
- Como funciona as épocas de aprendizagens?
- Como funciona com crianças que vem de fora desse sistema, de um sistema tradicional e completamente diferente? Como é a adaptação e como ela é recebida na nova escola?
- Como as crianças são avaliadas?
- Quais são as atividades propostas na escola para o desenvolvimento das crianças?
- Quais as desvantagens de monitoramento contínuo das crianças por vários anos?
- Como é o processo de separação da criança com a professora depois dos anos juntas?

Professora da rede pública de ensino:

- Quais os obstáculos enfrentados com o retorno das aulas presenciais em decorrência da pandemia de COVID-19?
- Como funciona o trabalho com apostilas na escola? São obrigatórias?
- O que você pensa a respeito da proposta de trabalhar dois anos em um com as crianças?
- Qual o método alfabetizador que você mais utiliza?